

Aranha

ÉTICA



Ética é a parte da filosofia que pensa criticamente sobre a experiência moral e os princípios ideais de conduta humana.

CAPÍTULOS

- 1 Descobrimos os valores
- 2 O que é moral
- 3 Concepções de ética: da Antiguidade à Idade Moderna
- 4 Concepções de ética: do Iluminismo aos dias atuais



“Navegar é preciso, viver não é preciso.”

Pompeu,
general romano,
século I a.C.

Observem essas duas citações:
a frase de Pompeu e um texto de
Fernando Pessoa.

Navegar é preciso

Navegadores antigos tinham uma frase gloriosa: ‘Navegar é preciso; viver não é preciso’.

Quero para mim o espírito [d]esta frase, transformada a forma para a casar com o que eu sou: Viver não é necessário; o que é necessário é criar.

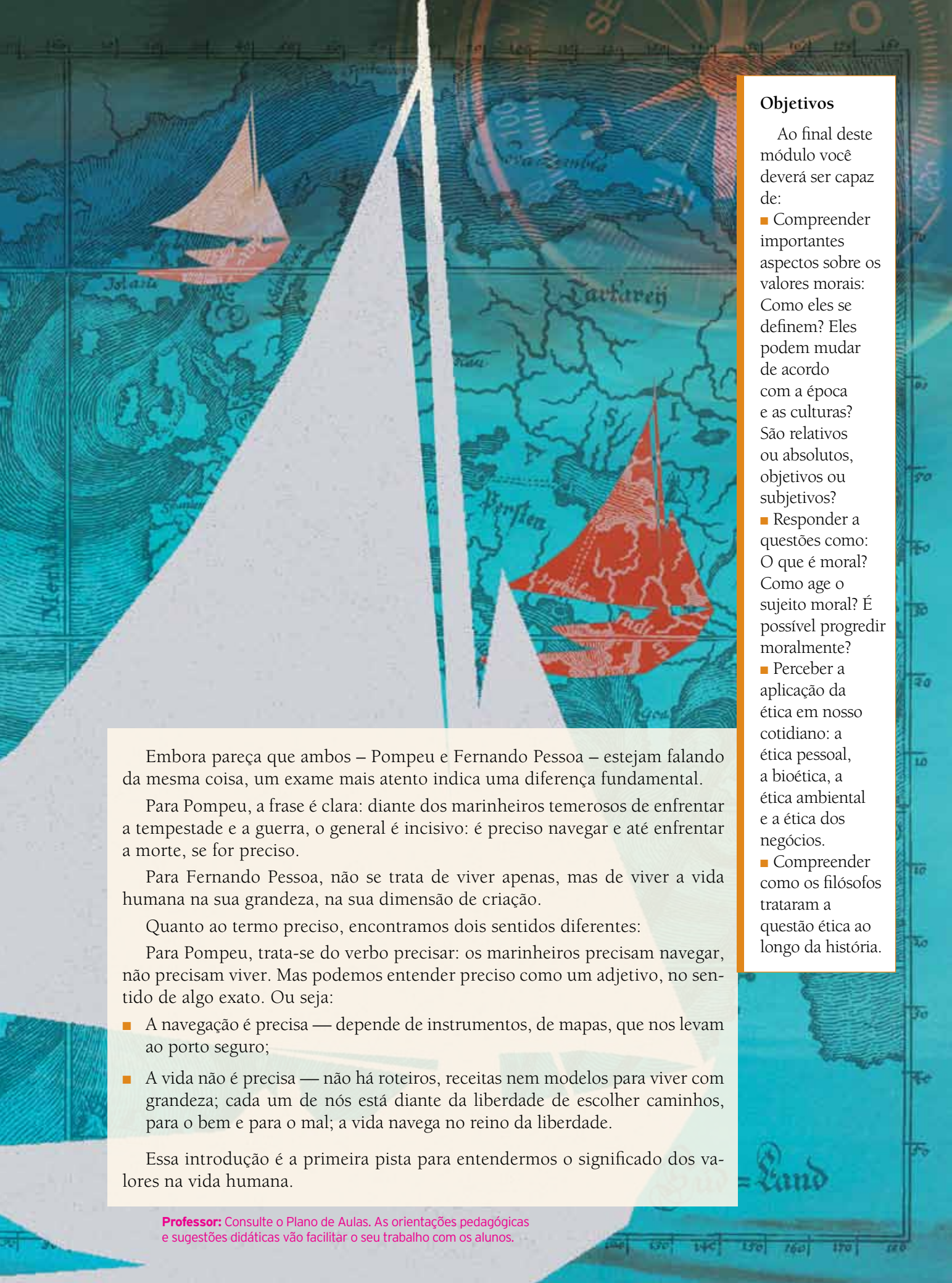
Não conto gozar a minha vida; nem em gozá-la penso. Só quero torná-la grande, ainda que para isso tenha de ser o meu corpo (e a minha alma) a lenha desse fogo.

Só quero torná-la de toda a humanidade; ainda que para isso tenha de a perder como minha.

Cada vez mais assim penso. Cada vez mais ponho na essência anímica do meu sangue o propósito impessoal de engrandecer a pátria e contribuir para a evolução da humanidade.

É a forma que em mim tomou o misticismo da nossa Raça.

PESSOA, Fernando. *Obra poética*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1999. p. 15.



Objetivos

Ao final deste módulo você deverá ser capaz de:

- Compreender importantes aspectos sobre os valores morais: Como eles se definem? Eles podem mudar de acordo com a época e as culturas? São relativos ou absolutos, objetivos ou subjetivos?
- Responder a questões como: O que é moral? Como age o sujeito moral? É possível progredir moralmente?
- Perceber a aplicação da ética em nosso cotidiano: a ética pessoal, a bioética, a ética ambiental e a ética dos negócios.
- Compreender como os filósofos trataram a questão ética ao longo da história.

Embora pareça que ambos – Pompeu e Fernando Pessoa – estejam falando da mesma coisa, um exame mais atento indica uma diferença fundamental.

Para Pompeu, a frase é clara: diante dos marinheiros temerosos de enfrentar a tempestade e a guerra, o general é incisivo: é preciso navegar e até enfrentar a morte, se for preciso.

Para Fernando Pessoa, não se trata de viver apenas, mas de viver a vida humana na sua grandeza, na sua dimensão de criação.

Quanto ao termo preciso, encontramos dois sentidos diferentes:

Para Pompeu, trata-se do verbo precisar: os marinheiros precisam navegar, não precisam viver. Mas podemos entender preciso como um adjetivo, no sentido de algo exato. Ou seja:

- A navegação é precisa — depende de instrumentos, de mapas, que nos levam ao porto seguro;
- A vida não é precisa — não há roteiros, receitas nem modelos para viver com grandeza; cada um de nós está diante da liberdade de escolher caminhos, para o bem e para o mal; a vida navega no reino da liberdade.

Essa introdução é a primeira pista para entendermos o significado dos valores na vida humana.

CAPÍTULO 1

Descobrendo os valores

1 Introdução



Figura 1 • Enquanto apreciamos esteticamente esta vestimenta, para os waurás – que habitam o parque indígena do Xingu, no Mato Grosso –, ela está carregada de valor religioso.

Olhando à nossa volta, sempre percebemos objetos e pessoas e deles fazemos juízos de realidade: a) Aquela caneta é azul; b) Este lápis é novo; c) Maria acabou de sair; d) Pedro foi comprar pão; e) A barraca está cheia de frutas; f) João está orando.

Ao formularmos esses juízos de realidade, podemos ao mesmo tempo fazer juízos de valor: a) A caneta azul não é tão bonita quanto a vermelha; b) O lápis velho escrevia melhor que este novo; c) Maria não deveria ter saído antes de terminar o trabalho; d) O pão está muito caro; e) As frutas fazem bem à saúde; f) Orar reconforta o espírito.

No primeiro exemplo, a avaliação é estética; no segundo, aludimos ao valor de utilidade; no terceiro, a um valor moral; no quarto, a um valor econômico; no quinto, a um valor vital; e, por fim, ao valor religioso.

2 O que são valores

Valorar é uma experiência fundamentalmente humana que se encontra no centro de toda escolha de vida. Em toda ação, damos prioridade a certos valores positivos e evitamos os valores negativos (ou desvalores). Desse modo, reclamamos da caneta que não escreve bem, ouvimos várias vezes com prazer a música de nossa preferência ou desligamos o som quando não a apreciamos, recriminamos quem abusa da força ou pratica

injustiça, e assim por diante.

O objetivo de qualquer valoração é orientar a ação prática. Se o ar é um valor para o ser vivo, é preciso evitar a poluição, que compromete a qualidade desse bem indispensável. Se a credibilidade é um valor, não podemos mentir o tempo todo, caso contrário, as relações humanas se corrompem. Se a arte alimenta meu espírito, vou ao teatro ou leio um bom livro.

Os valores existem na ordem da afetividade, uma vez que não ficamos indiferentes diante de alguma coisa ou de uma pessoa, mas sempre somos **afetados** de algum modo.

Se não ficamos indiferentes aos valores é porque somos mobilizados por eles: eles são desejáveis – eles nos atraem – e servem para nos orientar nas escolhas que fazemos.

A discussão sobre os valores abriu um novo ramo na filosofia, sobre o qual os filósofos se debruçaram a partir do final do século XVIII e início do XIX: a axiologia ou filosofia dos valores.

Glossário

Afeição. Afetar é exercer uma ação sobre uma coisa ou sobre alguém; sofrer essa ação; a afetividade inclui sensações e sentimentos como prazer, dor, ódio, alegria, tristeza, cólera etc.

Axiologia

Em grego, o substantivo *axia* significa “preço”, “valor de alguma coisa”; o adjetivo *axios* é “o que vale”, “o que tem valor de”, “digno de”, “justo”. A axiologia, ou teoria dos valores, reflete sobre o significado do conceito de valor, os chamados juízos de valor, buscando explicitar a natureza e as características do valor.

3 De onde vêm os valores?

Em um primeiro momento, os valores fazem parte da herança cultural da comunidade a que pertencemos. Esse fato talvez nos leve a concluir que as experiências de valoração variam conforme a cultura e a época. É o que nos sugere a diversidade de costumes entre os povos.

Convém lembrar, no entanto, que mesmo quando o conteúdo das regras varia conforme a época ou o lugar, todas as comunidades têm a necessidade formal de valores, expressos em modelos, **cânone**s, que orientam o comportamento dos seus integrantes.

Por exemplo: a coragem é melhor que a covardia e a amizade é um valor desejável para os membros de qualquer grupo. No entanto, a coragem e a amizade têm apenas um valor formal cujo conteúdo pode variar. A coragem do guerreiro da tribo é diferente da coragem do cidadão que vive nos centros urbanos. Da mesma maneira, a amizade é sem dúvida um valor universal, mas a sua expressão varia conforme os costumes. Nas sociedades patriarcais, em que a mulher se encontra subordinada ao homem, é impensável que tenha amigos do sexo masculino fora do círculo de amizades do seu próprio marido ou distante de seu olhar controlador.

Glossário

Cânone (ou cânion). Conjunto de leis eclesiásticas; por extensão, na atividade cotidiana, comportamento social padronizado por regras.



Figura 2 • Nesta tela, Rembrandt retrata um procedimento impossível um século antes, quando o médico Vesalius desafiou a proibição religiosa de dissecação de cadáveres.

Os valores e as culturas

Na Idade Média era proibido dissecar cadáveres e, no entanto, as instituições de justiça torturavam seres humanos. Naquela época também era pecado emprestar dinheiro a juros, o que hoje os bancos fazem sem nenhuma penitência. Nosso costume de comer bife escandaliza o hindu, para quem a vaca é um animal sagrado. Em certas tribos matam-se os velhos, bem como as crianças nascidas com algum defeito, procedimento que nos parece de incrível crueldade, mas bastante comum nas comunidades com escassez de alimentos, nas quais os incapazes de produzir são eliminados como obstáculo à sobrevivência do grupo.

4 Os valores podem mudar?

Mesmo que os valores sejam transmitidos pela cultura, não há como desprezar a capacidade humana de criticar os costumes vigentes e ansiar por novos horizontes de ação.

Glossário

Paradigma. *Modelo, padrão; conjunto de teorias, técnicas, valores de uma determinada época e que, de tempos em tempos, entram em crise.*

Figura 3 • No começo do século XX, Picasso causou impacto ao romper com o modo tradicional de compreender e expressar a obra pictórica.



A crítica aos valores consolidados é menos intensa nas sociedades tradicionais, que conservam seus modelos de comportamento por mais tempo, mas é muito forte em época de crise de valores, tal como aconteceu durante o Renascimento. Igualmente, a partir da segunda metade do século XX iniciamos um movimento semelhante de mudança de **paradigmas**, ao passarmos por modificações cruciais em campos tão diversos como a família, a escola, as artes, o Estado.

No entanto, esse movimento de mudança não se faz de maneira automática. Ao contrário, a tendência predominante das pessoas é resistir, buscando a segurança de valores dados e não questionados. Não por acaso, apesar das muitas décadas que nos separam de Picasso, que revolucionou a pintura contemporânea, e de Stravinsky, que imprimiu novos rumos à música, há os que ainda rejeitam a chamada “arte moderna”. A questão não está no fato de que se deva aplaudir esses inovadores a qualquer custo, e sim de que muitas pessoas não tiveram sequer ocasião de educar sua sensibilidade para os novos valores estéticos que surgiram, para aceitá-los ou rejeitá-los por meio de uma análise crítica.

Enfim, por meio dos valores a sociedade se humaniza, mantém a sua integridade e se desenvolve. Refletir sobre os valores nos torna melhores, para termos uma “vida boa”. No entanto, essa afirmação só é verdadeira se a autonomia na capacidade de valorar for preservada, e não quando valores impostos estão a serviço da exploração e da manutenção de privilégios de certos grupos sobre outros.

Existe, portanto, a fase em que os valores são herdados, à qual se contrapõe outro momento, pessoal e intersubjetivo, de questionamento dos valores, a fim de escolher os que são mais importantes. Ou, então, de proceder à revisão daqueles valores que deixaram de servir à nossa humanização.

5 Valores: relativos ou absolutos?

Vimos no capítulo 3, “A condição humana”, que os filósofos gregos tinham uma concepção essencialista da natureza humana. Por consequência, a discussão sobre os valores dependia da metafísica.

Assim, para Platão haveria um modelo ideal no qual a realidade concreta se espelha. Nesse caso, a partir das ideias de bem em si, de belo em si e de verdadeiro em si, podemos reconhecer quando as ações são boas, quando há beleza no que fabricamos/fazemos ou quando uma afirmação é verdadeira.

Aristóteles recusou o “mundo das ideias” de Platão, mas também admitia uma natureza humana universal. Por isso ao ser humano cabe cumprir sua natureza racional, isto é, viver de acordo com a razão. Esse propósito de viver bem supõe o esforço de realizar plenamente as virtualidades que fazem parte de sua natureza.

Uma vez que para esses filósofos clássicos os valores se fundamentam na metafísica, conclui-se que também são universais e absolutos, isto é, existem em si, independentemente do sujeito que avalia.

No século XVIII, porém, Kant, principal representante do Iluminismo alemão, ao afirmar que não podemos conhecer o ser profundo das coisas, concluiu pela incapacidade de a razão ter acesso à metafísica. Como consequência, se o ser não é mais o fundamento das nossas apreciações, cabe ao sujeito assumir o peso e a responsabilidade dos seus valores. É bem verdade, Kant se referia ao sujeito capaz de autonomia, de julgar por si próprio ao fazer juízos estéticos e morais.

Dessa maneira, a filosofia kantiana preparou o campo para as discussões axiológicas contemporâneas. Os filósofos que se seguiram deram destaque à noção de temporalidade e de vir-a-ser: neste mundo em mudança, que está sempre “por se fazer”, os valores adquirem dimensão própria.

Os principais filósofos que se ocuparam de início com a filosofia dos valores, ou axiologia, embora pertencessem a orientações bastante diferentes entre si, foram Rudolf Lotze, Franz Brentano, Christian Ehrenfels, Nicolai Hartmann, Max Scheler, Friederich Nietzsche, entre outros.

Figura 4 • Enquanto Mafalda aprecia tomar chuva, as duas mulheres, tais como mães censoras, tentam inibir a fruição daquele prazer.



Considerando o que foi apresentado até aqui, você pode ser tomado por uma dúvida: se os valores mudam com o tempo e o lugar, então seriam eles relativos, e não mais absolutos? E se eles nos afetam, não nos deixando indiferentes, mas, ao contrário, mobilizam-nos em direção ao que desejamos, seriam eles subjetivos, e não **objetivos** e universais?

Várias têm sido as discussões a esse respeito.

Por exemplo, alguns filósofos desenvolveram uma teoria chamada emotivismo, segundo a qual os juízos éticos e estéticos têm origem na emoção e, por isso, não podemos saber se são verdadeiros ou falsos. Assim, a afirmação “roubar é um mal”

Glossário

Objetivo. Conhecimento fundado na observação imparcial, independente das preferências individuais (que são subjetivas).

Professor: Filósofos da tendência emotivista: o inglês Alfred Ayer e os norte-americanos Ralph Perry e Charles Stevenson.

Glossário

Contingência. *Caráter de tudo que pode ser de um jeito, mas também de outro; o contrário de necessidade, que, filosoficamente, significa aquilo que não pode ser de outra maneira.*

Figuras 5 e 6 • No período que separa as duas imagens há um abismo: não só no estilo das roupas, mas das funções exercidas pelas mulheres além do campo restrito da vida doméstica.



deve ser substituída por “eu não aprovo o roubo”. Quando muito, podemos tentar convencer os outros sobre nossas posições, expressando nossa desaprovação, cólera, admiração etc.

De um ponto de vista mais intelectualista, o norte-americano Richard Rorty constata a **contingência** de nossas crenças e de nossos valores. Aliás, já nos referimos a ele no capítulo anterior, por se recusar a aceitar os critérios de validade usados na filosofia para chegar a uma “verdade objetiva”.

No entanto, a recusa dos valores dados como eternos e imutáveis não significa cair no relativismo. A diversidade das crenças morais não descarta o fato de que algumas são mais justificáveis do que outras.

Vejam alguns tópicos a respeito do assunto.

- Você já deve ter ouvido muitas vezes a expressão “gosto não se discute”. De fato, se digo preferir peixe à carne de porco, não há como contestar. Mas se a opinião se refere, por exemplo, à arte, pode-se discutir, sim, porque o gosto estético não se reduz a uma preferência arbitrária e imperiosa da nossa subjetividade, e é possível educar a sensibilidade, aprimorando a apreciação estética pela frequência das obras de arte.
- Outro argumento é o de que devemos respeitar as pessoas que têm opiniões diferentes da nossa. Embora seja verdadeiro — aliás essa é uma virtude do pluralismo democrático —, não significa que não podemos discordar delas. No debate político, por exemplo, cada um vota no candidato de sua preferência e respeita a escolha alheia, mas nada impede que sejam tecidos argumentos a favor e contra, de lado a lado.
- Mesmo quem concordasse com o item anterior, poderia considerar inútil o debate sobre valores, uma vez que as posições opostas acabam se equivalendo, porque as discussões não são conclusivas, já que não se pode refutar racionalmente um juízo de valor. No entanto, é possível discutir com os opositores sobre os motivos das escolhas e das rejeições, o que pode fazer um dos lados mudar de ideia ou, pelo menos, refinar seus argumentos.

Pensando bem, será que tanto faz defender a coragem ou a covardia, a sinceridade ou a hipocrisia, o respeito pela vida ou o assassinato, a liberdade ou a escravidão?

- Será mesmo que esses debates não servem para nada? Ao contrário: basta lembrar que, no século XVIII, o jurista italiano Beccaria condenava o hábito da tortura, comum no seu tempo; que até o século XIX, ainda havia quem defendesse a escravidão; que até a década de 1980, o *apartheid* era legalizado na África do Sul; e que em pleno século XX, havia países que negavam o direito de voto à mulher. Ainda que hoje alguns torturem ou escravizem, ninguém — pelo menos nos países que se dizem democráticos — tem coragem de defender essas ações publicamente, mesmo porque essas condutas são ilegais.

O voto feminino

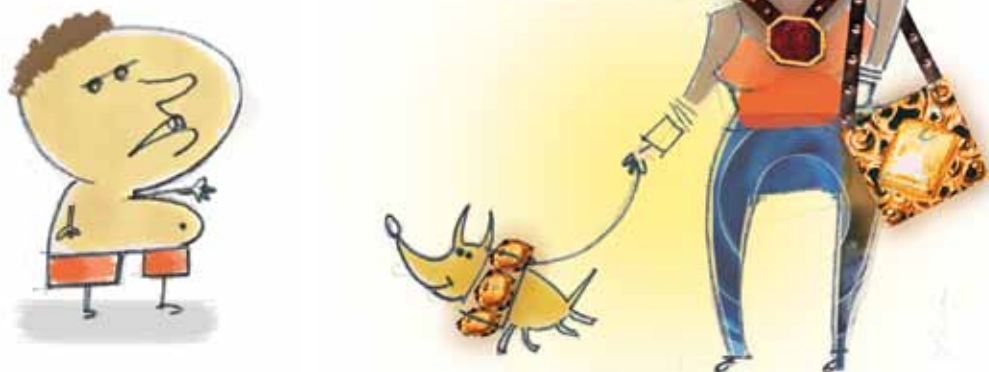
As mulheres conquistaram o direito de voto: em 1883, na Nova Zelândia; em 1906, na Finlândia; em 1913, na Noruega; em 1917, na então União Soviética; em 1918, no Canadá (sendo que na cidade de Quebec apenas em 1940); em 1920, nos Estados Unidos; em 1928, no Reino Unido e na Alemanha; em 1932, no Brasil; em 1971, na Suíça; e em 1976, em Portugal.

Dessa maneira, damos destaque ao esforço pessoal reflexivo, estimulado pelo diálogo, que leva ao esclarecimento dos nossos juízos de valor, bem como ao desenvolvimento da sensibilidade, o que nos permite lançar um outro olhar sobre nossas crenças mais arraigadas, sejam elas no campo da ética, da estética, da política, da religião.

6 Conclusão

A discussão filosófica sobre valores é importante, porque ela nos proporciona um olhar diferente sobre o mundo e sobre nós mesmos, o que pode resultar num antídoto para a alienação, o conformismo, o preconceito. Não podemos deixar de lado o caráter existencial do pensar, que se funda em exigências éticas, estéticas e políticas.

Enfim, precisamos dessa reflexão sobre os valores, num mundo excessivamente individualista, pragmático, tecnocrático, em que os meios são mais valorizados do que os fins humanos.



Exercícios dos conceitos

- 1 Dê exemplos de juízos de realidade e de juízos de valor diferentes dos citados no capítulo.

Juízos de realidade: Este cão está latindo; O banho dela durou meia hora; Ele fechou os livros e foi ao cinema.

Juízos de valor: O latido deste cão me incomoda; Ela não deveria tomar um banho tão longo, para não desperdiçar água; Ele não devia trocar o estudo pela diversão.

- 2 Um mesmo objeto pode ser apreciado a partir de diversos tipos de valor. Esclareça essa afirmação com suas palavras e dê exemplos.

O mesmo objeto (ou afirmação) pode ser apreciado do ponto de vista lógico, moral, estético, político, religioso, utilitário etc. Exemplo: Diversos grupos de pessoas viajam até uma região montanhosa, com floresta. Um deles tem em vista um empreendimento imobiliário (visa ao lucro); outro é um grupo de ecologistas (visa à preservação da floresta); outro é de turistas (que visam a apreciar a beleza da paisagem e passar dias agradáveis); outro é de pintores ou fotógrafos (visam à fruição estética do lugar) etc.

- 3 O que significa dizer que os valores existem na ordem da afetividade e da não indiferença?

Não somos indiferentes aos valores: eles nos afetam, agem sobre nós e a eles reagimos, aprovando-os ou recusando-os. Assim, julgamos o belo e o feio, o agradável ou o repulsivo, os bons e os maus etc.

- 4 Ainda que o conteúdo dos valores mude conforme a cultura, todas as comunidades têm a necessidade formal de valores. Explique essa afirmação e dê exemplos diferentes daqueles citados no capítulo.

Os valores não se resumem aos éticos, estéticos e políticos. Há, por exemplo, os utilitários, religiosos, lógicos. O valor que nossa sociedade dá a coisas como o carro, o celular ou a roupa da moda pode não significar nada para uma tribo que não os utiliza ou para pessoas críticas do consumismo contemporâneo; um diploma ou um bom emprego pode adquirir diferentes conotações conforme a sociedade; a amizade sempre existiu em todos os tempos, mas varia a maneira pela qual ela é vivenciada.

- 5 Para Platão existiria o bem em si, o belo em si e o verdadeiro em si. Sob que aspecto a axiologia, que surge no século XIX, vai se distanciando dessa concepção grega?

Kant preparou o caminho para os filósofos posteriores, que abandonaram a concepção essencialista dos gregos antigos. Por consequência, os valores deixam de ser universais e absolutos. Ao contrário, no mundo em constante mudança, os valores estão sempre sendo postos em questão.

- 6 Que tipo de crítica podemos fazer ao relativismo? Criticar o relativismo significa retornar à concepção de valores universais e absolutos?

Professor: As críticas são: se os valores não são objetivos, seriam então subjetivos; se não são universais, não haveria como discutir sua validade ("gosto não se discute", por exemplo). Mas recusar o relativismo não pressupõe admitir o universalismo dos valores, e sim, abrir-se à intersubjetividade, à discussão sobre os valores do seu tempo.

Professor: Consulte o Banco de Questões e incentive os alunos a usar o Simulador de Testes.

Retomada dos conceitos

- 1 Entreviste algumas pessoas mais velhas e indague sobre como alguns valores (estéticos, éticos, políticos, religiosos, utilitários) mudaram ao longo de suas vidas. Peça-lhes que deem exemplos e anote-os em seu caderno. Discuta com seu grupo o resultado das pesquisas. Em seguida, exponha o relatório aos seus colegas de classe.

Os temas irão variar conforme as pessoas entrevistadas, mas alguns resultados podem ser previstos. Pessoas que viveram a década de 1950, por exemplo, provavelmente irão se referir aos valores utilitários, à ética das amizades, à concepção de namoro e casamento da época, à importância da religião na vida cotidiana, aos filmes preferidos e suas temáticas etc.

- 2 No século XVI, em sua obra clássica *Pensamentos*, Pascal teoriza sobre a justiça nos seguintes **aforismos**:

“(293) ‘Por que me matais?’ – ‘Como! Não habitais do outro lado da água? Meu amigo, se morásseis deste lado, eu seria um assassino, seria injusto matar-vos desta maneira; mas, desde que residis do outro lado, sou um bravo, e isso é justo’. (...)”

“(294) (...) Divertida justiça que um rio limita! Verdade aquém dos Pireneus, erro além.”

A partir da ironia de Pascal, interprete qual é a posição do filósofo francês sobre a natureza dos valores (no caso, a justiça).

Glossário

Aforismo. Máxima, ditado, pensamento. No contexto, o estilo de certos filósofos que não escrevem obras teóricas sistemáticas, mas usam enunciados curtos, de conteúdo conciso e crítico.

Professor: Verifique se os alunos sabem o que significa ironia (contraste intencional entre o que se diz e o que se pensa). Pascal critica o relativismo dos valores, que classifica a justiça conforme a geografia.

3 Segundo Danilo Marcondes, Richard Rorty (1931):

“[...] propõe uma nova concepção de filosofia (...) segundo a qual a filosofia deve abandonar sua pretensão a fundamentar o conhecimento e a legitimar práticas éticas e políticas, transformando-se em uma espécie de narrativa, de conversação ou discussão, em que se dá uma busca de significado e de esclarecimento, sempre em aberto, sem nenhuma tentativa de estabelecimento de uma teoria ou de um sistema. Apenas esse tipo de pensamento seria capaz de dar conta das profundas transformações na sociedade, na ciência e na cultura de nossa época”.

MARCONDES, Danilo. *Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. p. 274.

A partir da citação, atenda às questões:

- a) Em que sentido a posição de Rorty representa um tipo de relativismo do conhecimento e dos valores?

Rorty recusa a tradição que vem de Platão, segundo a qual a verdade e os valores são absolutos e alcançáveis pela razão. Ao contrário, para ele a discussão sobre valores deveria estar sempre “em aberto”.

- b) Por que esse relativismo não significa um subjetivismo?

Porque Rorty não dispensa a conversação, a discussão, em que as pessoas interagem para se aproximar de avaliações menos subjetivas.

4 Reveja o box com as datas em que as mulheres adquiriram o direito de voto nos diversos países e atenda às questões:

- a) Comente o destino de Olympe de Gouges, que, após a Revolução Francesa, parafraseava o discurso revolucionário da “igualdade, liberdade e fraternidade”, reclamando os mesmos direitos para as mulheres. Em 1793, ela foi guilhotinada por “ter querido ser um homem de Estado e ter esquecido as virtudes próprias a seu sexo”.

Resposta pessoal.

- b) Atualmente as mulheres já venceram inúmeras restrições impostas pelos costumes. Você conhece alguns dos direitos conquistados por elas ao longo do século XX?

Direito de votar e serem votadas, independência econômica, salários iguais aos dos homens na mesma função, autonomia sexual, vida sem a tutela do pai ou do marido.

Professor: Essa questão sugere a discussão sobre a mudança de valores conforme o tempo ou o lugar. No exemplo, vê-se o percurso da emancipação da mulher em um mundo desde sempre centrado na figura masculina. Se hoje avançamos um tanto, houve época em que as mulheres mais ousadas pagaram com a vida a tentativa de argumentar sobre os valores consolidados.

- 5 (UFMG) Leia este trecho, em que o filósofo renascentista Pico della Mirandola* imagina um discurso dirigido pelo Criador a Adão:

“Adão, não te atribuímos nem lugar certo, nem aparência que te seja própria, nem alguma função específica, para que detendas e explores aquele lugar, aparência e função que com segurança tenhas preferido, segundo tua escolha e decisão. A natureza limitada de todas as outras coisas está restringida por leis prescritas por nós. Tu, por nenhuma restrição limitado, por teu próprio arbítrio, em cuja mão eu te pus, determinarás a tua natureza. [...] Não te fizemos nem celestial nem terreno, mortal nem imortal, para que, de ti próprio, erijas, como um escultor ou narrador livre e honrado, em segurança, a forma que preferires”.

MIRANDOLA, Pico della. *Discurso sobre a dignidade humana*. § 5. pp. 18-22. Tradução do original em latim.

(*) Pico della Mirandola (1463-1494), erudito italiano. Essa obra é reconhecida como um manifesto do humanismo renascentista.

A partir da leitura desse trecho e considerando outros conhecimentos sobre o assunto, redija um texto, identificando a característica que fundamenta a ideia de dignidade humana, presente no título da obra.

Faça a atividade em seu caderno.

Professor: Nessa questão, o aluno poderá aproveitar conceitos já estudados no módulo Descobrindo a filosofia, sobretudo no capítulo 3, “A condição humana”. Ao simular a fala de Deus ao ser humano, este não mais é visto como tendo uma natureza humana dada, mas capaz de, por si mesmo, construir o seu destino. No Renascimento, Mirandola representa o movimento daqueles que valorizam a capacidade humana de conhecer e valorizar com autonomia e liberdade. Não por acaso, esse livro foi inicialmente proibido pela Igreja, sendo publicado dez anos após, no ano da morte do autor.

Redação

- 6 Escolha um dos temas a seguir e faça uma dissertação em seu caderno:

Tema 1: A adolescência é a época da revisão dos valores.

A adolescência é o momento da maturação da capacidade de esclarecimento e escolha de valores, em todos os setores. Caso esse processo seja mal encaminhado, é possível que futuramente estejamos diante de adultos infantilizados.

Tema 2: Vivemos hoje uma crise de valores?

Pode-se discutir a ideia de que vivemos num mundo de quebra de paradigmas, em que os diversos tipos de valores estão sendo questionados, muitas vezes sem que se tenham outros para serem postos no lugar. A redação pode examinar a crise de paradigmas na moral, na política, na estética, e suas repercussões nos agrupamentos humanos, como a família, e em instituições como a escola, o trabalho, o lazer etc.

CAPÍTULO 2 O que é moral



Figura 1 • Narciso, personagem mítico que morre enamorado pela própria imagem, representa aqueles que não conseguem sair de si mesmos: ser moral é reconhecer o outro como um outro-eu. *Narciso* (1546-48), pintura de Michelangelo Caravaggio.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

1 Introdução

O que é ser moral? Para que ser moral? As respostas dadas a essas duas questões são cruciais para cada um orientar sua conduta em relação aos outros e a si mesmo. O que entendemos por “bem” ou “mal” pode definir que tipo de pessoa queremos ser e qual o compromisso que temos com os valores assumidos.

Como ninguém nasce moral — mas torna-se moral —, é preciso todo um esforço de construção do sujeito ético, empreitada que nem sempre atinge os níveis desejados de amadurecimento.

Vejamos por quê.

2 O anel de Giges

Há uma lenda, transcrita por Platão na sua obra *A República*, sobre um anel que tornaria invisível quem conseguisse virar o **engaste** para dentro. Conta então que o pastor Giges, que vivia a serviço do rei da Lídia, após ter se salvado de um abalo sísmico, retirou de um cadáver o referido anel. Ao perceber que podia ficar invisível quando quisesse, entrou no castelo, seduziu a rainha, tramou com ela a morte do rei e obteve o poder.

É assim que certas pessoas costumam se comportar: agem bem ou mal dependendo de quem as vigia, para serem recompensadas ou para parecer boas e justas ao olhar do outro. Quantos motoristas evitam cometer infração se houver um guarda de trânsito por perto, mas transgridem as regras quando ninguém os vê? Nesse caso, a ação depende do medo da punição.

Podemos avaliar do mesmo modo aqueles que entendem mal os preceitos religiosos e agem bem para “ganhar o céu” ou para “não ir para o inferno” e não propriamente por convicção pessoal sobre a justeza de suas ações.

Esses exemplos, embora se refram à conduta moral, não dizem respeito aos seus níveis mais altos. Ao contrário, todos os comportamentos descritos — ainda quando seus autores são adultos — pertencem ao mundo infantil, porque a criança age de acordo com regras dadas pela autoridade (pais, professores, sociedade) e tem em vista evitar o castigo ou ser recompensada.

Nos estudos contemporâneos sobre os níveis de moralidade, alguns teóricos chegaram à conclusão que, para avaliar o amadurecimento moral das pessoas, não basta verificar a exterioridade da sua ação. Por exemplo: embora agindo de modo idêntico, duas pessoas podem se mobilizar por critérios diferentes caso visem a escapar de uma punição, atender a um interesse particular, garantir a ordem social ou, ainda, agir conforme a justiça. Ora, agir por temor à punição ou por desejo de elogio é indicativo do estágio típico do comportamento infantil, enquanto se guiar pela justiça é admitir um princípio ético superior na escala do aprimoramento moral.

Esclarecer esses pressupostos, portanto, é importante na identificação do nível de consciência moral, por serem indicativos de diferentes estágios evolutivos de moralidade.

Referindo-se a um pensamento do filósofo Jankélévitch, o historiador da filosofia Christian Descamps diz:

“Basta um quase nada, um não sei quê para que o ato de generosidade se revele como cálculo **sórdido**. Se sou generoso para que louvem minha generosidade, se amo para que me amem, meus atos não possuem mais verdade”.

DESCAMPS, Christian. *As ideias filosóficas contemporâneas na França*.

Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991. p. 84.

Refleta

Esse mito nos leva a pensar sobre os motivos que estimulam ou coíbem uma ação. Se você pudesse ficar invisível em uma loja, haveria problema em roubar um CD, por exemplo? Ou o que seria determinante para que mesmo invisível você não o roubasse?

Glossário

Engaste. Garra que prende a pedra do anel.

Sórdido. Indigno, repugnante.



Figura 2 • Por que será que certos adultos só agem de modo civilizado quando são vigiados?

3 O sujeito moral

Tornar-se um sujeito moral significa ultrapassar o nível infantil de comportamento. Chamamos a moral infantil de heterônoma (*hetero* = “outro”, “diferente”; *nomos* = “lei”), pois, para as crianças, as regras não são delas mesmas, mas do “outro”, ou seja, elas as recebem dos pais e professores, enfim, do meio social em que vivem. À medida que amadurece, o adolescente ou o adulto poderá exercer sua autonomia (*auto* = “próprio”), decidindo por si mesmo.

Alcançar a autonomia, porém, não é um processo automático. Como já dissemos, há pessoas que não conseguem sair do mundo da heteronomia, porque a formação do sujeito moral exige um esforço de descentração para superar o egocentrismo infantil: mediado pelos outros, poderemos sair de nós mesmos.



Figura 3 • As indagações de Calvin remetem ao conflito entre a heteronomia e a autonomia: o bem é o que os outros querem que eu faça?

Não se pense, porém, que autonomia seja o mesmo que individualismo, porque o ato moral não diz respeito apenas ao indivíduo — fechado em si mesmo —, mas à pessoa, capaz de estabelecer relações intersubjetivas.

À pergunta “como devo viver?”, o sujeito moral dá uma resposta com pretensão de validade universal, porque não se trata do sujeito individual, egoísta, mas daquele capaz de reconhecer o outro como um outro eu: o outro é tão importante quanto cada um de nós. Por isso a moral é um movimento constante para discernir entre o que é bom para nós e o compromisso que temos com os outros.

Sob essa perspectiva, a moral não é um instrumento de subjugação e de constrangimento, mas sim de humanização. Ela se traduz na busca do convívio enriquecedor, que torna as pessoas melhores e proporciona a criação de um mundo mais justo.

“A moral responde à pergunta: “O que devo fazer?”. É o conjunto dos meus deveres, em outras palavras, dos imperativos que reconheço legítimos – mesmo que, às vezes, como todo o mundo, eu os viole. É a lei que imponho a mim mesmo, ou que deveria me impor, independentemente do olhar do outro e de qualquer **sanção** ou recompensa. “O que devo fazer?” e não “O que os outros devem fazer?”. É o que distingue a moral do moralismo.”

Comte-Sponville, André. *Apresentação da filosofia*. São Paulo, Martins Fontes, 2002. p. 20.

Glossário

Sanção. No contexto, sanção social, pela qual um comportamento é objeto de aprovação ou reprovação (geralmente é mais usado nesse segundo sentido).

Reflita

Quando Comte-Sponville rejeita o moralismo, está criticando a preocupação indevida de certas pessoas com a conduta alheia, em vez de examinar melhor as próprias escolhas morais. Não é isso exatamente que gera a “fofoca”, a maledicência?

4 Obrigação e liberdade

Não deixa de nos intrigar o fato de que o ato moral exige obrigação e liberdade, conceitos aparentemente contraditórios. Para entender como isso é possível – e necessário –, comecemos pela definição de moral:

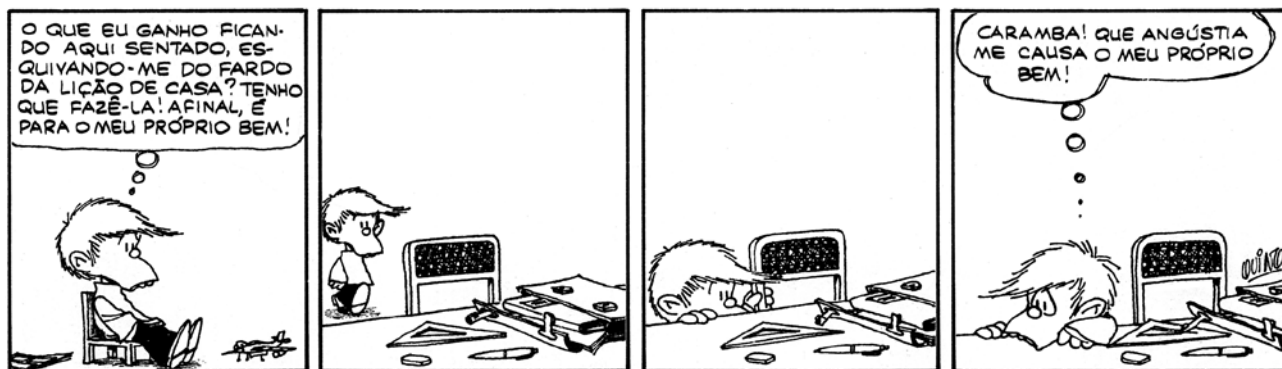
Moral

A moral é o conjunto de regras de conduta assumidas livre e conscientemente pelos indivíduos, com a finalidade de organizar as relações interpessoais segundo os valores do bem e do mal.

Observemos, porém, que, na definição de moral, ao usarmos a expressão “regras de conduta assumidas livre e conscientemente”, lembramos a distinção feita a respeito da heteronomia da moral infantil e da autonomia própria dos níveis superiores da formação ética. Nesse sentido, a moral é também o movimento para aceitar criticamente as normas herdadas ou modificá-las de maneira autônoma.

Percebemos, portanto, que o ato moral é complexo e a ética não oferece “receitas” para o “agir bem”. Cabe ao sujeito moral viver de maneira dramática as contradições entre dois polos: o social e o pessoal, a tradição e a inovação, e assim por diante. Não há como optar por apenas um desses aspectos, mas sim admitir que eles constituem o próprio tecido da moral.

Figura 4 • O ato moral resulta de um esforço da vontade, que muitas vezes contraria o desejo.



Se a construção da consciência moral se realiza a partir da aprendizagem da autonomia e da convivência, temos de admitir que o ato moral é um ato de vontade de um sujeito livre.

A decisão voluntária cria um “dever ser” que resulta da consciência da obrigação moral. Não se trata, porém, de qualquer obrigação. O dever moral não se cumpre devido à imposição externa, mas conforme a norma livremente assumida: só há moral madura quando o indivíduo decide por sua própria iniciativa. Eis aí porque o ato moral supõe ao mesmo tempo obrigação e liberdade.

Para que o imperativo da regra moral se imponha de maneira autônoma na nossa consciência, é preciso discernir entre os valores que tocam nossa sensibilidade. Ao nos orientarmos priorizando certos valores e excluindo outros, estamos mobilizados por um projeto que não diz respeito apenas a nós, como indivíduos, mas à coletividade da qual participamos.

Por isso todo ato moral está sujeito a sanção, ou seja, merece elogio ou censura. O senso moral reage porque nossa afetividade foi atingida: por exemplo, o uso da tortura provoca nossa indignação. Ou então, quando violamos a norma que nós mesmos nos havíamos imposto, sentimos remorsos.

Refleta

Vontade distingue-se de desejo. O desejo não depende de escolha, surge involuntariamente em nós. Já a vontade supõe a disposição consciente para agir e consiste no poder de reflexão para satisfazer ou não o desejo.

5 A virtude

A virtude, como disposição para querer o bem, exige a coragem de assumir os valores escolhidos e enfrentar os obstáculos que dificultam a ação considerada moral. Por isso a noção de virtude não se restringe a um ato moral apenas, mas envolve a repetição e a continuidade do agir moral. Ao afirmar que “uma só andorinha não faz verão”, Aristóteles queria dizer que a virtude não se resume ao ato ocasional e fortuito, mas resulta de um hábito.

Com certa frequência, porém, a imagem da pessoa virtuosa é a de alguém amável, dócil, cordato, capaz de renúncia e sempre disposto a servir aos outros. Trata-se, porém, de uma representação inadequada e muitas vezes perigosa. Para Kant, a “virtude é a força de resolução que o homem revela na realização do seu dever”. Segundo Nietzsche, é na “moral de escravos” que as falsas virtudes se fundam na fraqueza, no servilismo, na renúncia do amor de si e, portanto, na negação dos valores vitais.

Retomando então o que já foi dito sobre a importância da autonomia para a resolução dos atos morais, podemos entender o exercício da virtude como o esforço para cada um forjar o seu caráter. Dizendo de outro modo, é o esforço de reflexão que realizamos diante da questão que cada um deve formular para si mesmo: “que tipo de pessoa desejo ser?”.

Portanto, a questão não está em seguir regras impostas, mas em refletir de maneira autônoma sobre elas. A esse respeito, lembramos dois aspectos já considerados anteriormente: que autonomia não significa glorificação do individualismo e que de nada adianta elogiar a virtude de alguém quando não se sabe quais são os pressupostos de seu agir “virtuoso”.

6 Progresso moral

Refleta

Virtude, do latim *vir*, designa “o homem”, “o varão” (daí “viril”). *Virtus* é “poder”, “força”, “capacidade”, seja do corpo, seja da alma. Portanto, o virtuoso nada tem de frágil ou servil; ao contrário, virtude é poder, é capacidade de ação.

Nem toda mudança moral equivale a progresso moral. Certos valores antigos não precisam necessariamente ser ultrapassados, assim como valores dos “novos tempos” algumas vezes não são indicativos de progresso. Só existe progresso quando há avanço na qualidade do ato moral em proveito do “bem viver”.

Quais seriam, então, os critérios para avaliar o progresso moral? Examinemos alguns deles.

6.1 Ampliação da esfera moral

Certos atos, antes garantidos por imposição religiosa, por constrangimento social (costumes) ou por força legal (direito), passam a ser cumpridos por exclusiva obrigação moral autônoma. Por exemplo, um pai divorciado não precisaria da lei para continuar ajudando no sustento de seus filhos menores de idade. Por outro lado, fazer o bem tendo em vista a recompensa divina ou a aprovação social indica diminuição da esfera moral, porque, nesse caso, o estímulo para a ação não é a obrigação moral, mas uma certa barganha visando à recompensa.

6.2 Caráter consciente e livre da ação

A responsabilidade moral depende de um compromisso livremente assumido. Responsável é a pessoa que reconhece seus atos como resultantes da vontade e responde pelas consequências deles. Quando seres humanos permanecem tutelados — como as mulheres submissas e os escravos —, o resultado é o empobrecimento moral das relações humanas.

6.3 Articulação entre interesses coletivos e interesses pessoais

Enquanto nas tribos o coletivo predomina sobre o pessoal, nas sociedades contemporâneas o individualismo exacerbado tende a desconsiderar os interesses da coletividade. É importante que na vida moral se estabeleça um equilíbrio entre os interesses comuns e os pessoais.

7 Ética aplicada

Nos anos de 1950, os meios de comunicação vigentes e o público em geral já debatiam as técnicas de inseminação artificial e de transplante de órgãos, que começavam a ser postas em prática. Nas décadas seguintes, o espantoso avanço das ciências e da tecnologia abriu a discussão sobre a ambigüidade do progresso, capaz de melhorar as condições de vida, mas também de incentivar a manipulação do ser humano e a degradação do ambiente.

Ao longo desse debate, desde a década de 1970, surgiram teóricos da chamada ética aplicada, um ramo recente da filosofia, que reflete sobre temas como bioética, ética ambiental (ou ecoética) e ética dos negócios.

7.1 Bioética

A bioética se expandiu por conta da chamada terceira revolução da biologia, com as descobertas da biologia molecular e o desenvolvimento da biotecnologia, que abriram um campo antes impensável para a engenharia genética. O debate se intensificou diante de questões tais como manipulação do genoma humano, escolha do sexo do filho, descarte de embriões humanos, clonagem reprodutiva e clonagem para fins terapêuticos, transgenia, vegetais e animais híbridos, biopirataria, experimentos com seres humanos e animais, entre inúmeros outros temas.

7.2 Ética ambiental

A ética ambiental discute as relações do ser humano com a natureza, tais como a poluição industrial e agrícola, o esgotamento dos recursos naturais, o desequilíbrio causado ao ecossistema (chuva ácida, efeito estufa etc.), pondo em risco o destino do planeta.

Refleta

Tudo que é tecnicamente possível será ética e socialmente aceitável? O progresso é sempre desejável, sem que investiguemos suas consequências? O trabalho do cientista é neutro?



Figura 5 • Os habituais congestionamentos nos grandes centros urbanos não nos fazem apenas perder tempo, mas comprometem a qualidade do ar, devido à emissão de gases poluidores. Na foto, também há a poluição visual dos estabelecimentos comerciais.

Diante dos problemas do mundo globalizado, Karl-Otto Apel ressalta o fato de que hoje, mais do que nunca, a moral se situa além dos limites da casa, do bairro, da cidade, do país, para exigir a reflexão sobre os interesses humanos vitais em termos planetários. Já abordamos essa questão no módulo Lógica e ciência.

7.3 Ética dos negócios

Refleta

Vocês já notaram como nas discussões sobre bioética têm sido frequentes os conflitos de valores? Pense, por exemplo, no debate sobre aborto, eutanásia, utilização de células-tronco e descarte de embriões humanos.

No âmbito da ética dos negócios, além da ética profissional a que cada indivíduo se submete, têm sido objeto de discussão a responsabilidade social das empresas, a inclusão de pessoas portadoras de deficiências, o combate a formas de racismo e discriminação, a recusa de utilização de mão de obra infantil, além de projetos de educação, cuidados com a transparência da informação, crítica ao embuste na publicidade etc. Enfim, procedimentos que tentam tornar menos selvagem a luta pela sobrevivência no trabalho.

O que há de comum nesses três ramos da ética aplicada é o diálogo multidisciplinar, que não se restringe aos filósofos, mas se amplia na interlocução com os mais diversos profissionais, conforme o campo da pesquisa, tais como medicina, biologia, direito, teologia, economia, sociologia, antropologia, política, psicologia etc. Além, evidentemente, de dar voz às pessoas comuns, leigas no assunto, mas que, afinal de contas, sofrem o impacto dessas alterações.

A ética aplicada é, portanto, um ramo contemporâneo da filosofia, que nos coloca diante do desafio da deliberação sobre problemas práticos que exigem a justificação racional que oriente a ação justa.

8 Conclusão

Não há receitas para o agir bem: o compromisso conosco, com os outros, com as gerações futuras (o destino do planeta!) exige um estado de alerta constante.

Viver moralmente não é simples nem fácil. Não depende da introjeção irrefletida das normas herdadas nem da arbitrária decisão subjetiva, mas se radica na aprendizagem da solidariedade, do reconhecimento da dignidade de si mesmo e dos outros.

Como, porém, participar da construção de um mundo moral?

Os problemas decorrentes da crise de valores que presenciamos não podem ser resolvidos apenas por tentativas isoladas de educação moral do indivíduo. É preciso também vontade política de alterar as condições sociais **patogênicas**, para tornar possível a superação da pobreza moral.

Dito de outro modo: não basta “reformular o indivíduo” para “reformular a sociedade”. Um projeto moral desligado de um projeto político está destinado ao fracasso. Os dois processos devem caminhar juntos, pois formar o ser humano plenamente moral só é possível na sociedade que também se esforça para ser justa e democrática.

Glossário

Patogênico. *Que causa doenças; no contexto, as condições geradoras de doenças sociais como a violência, a exploração, a corrupção, o descaso pela miséria humana.*



Exercícios dos conceitos

- 1 Explique o significado de heteronomia e de autonomia como indicativos do desenvolvimento moral.

A moral infantil é heterônoma porque, para as crianças, as regras não são delas mesmas, mas do “outro”. À medida que amadurece, o adolescente ou o adulto poderá exercer sua autonomia (*auto* = “próprio”), decidindo por si mesmo. Mas às vezes os adultos permanecem na heteronomia.

- 2 O pessoal e o social constituem dois polos inseparáveis para se compreender a conduta ética. Explique por que se apenas um deles prevalecer pode ser prejudicial ao desenvolvimento moral.

A moral diz respeito às relações interpessoais. Portanto, diante do bem e do mal, devemos estar mobilizados por um projeto que não diz respeito apenas a nós, como indivíduos, mas à coletividade da qual participamos. Caso prevaleça o interesse pessoal, estaremos agindo com individualismo exacerbado. Ao contrário, mergulhamos no coletivismo, com a perda da individualidade.

- 3 Releia, no final do tópico “O anel de Gíges”, o pensamento atribuído a Jankélévitch e analise o teor da crítica feita pelo autor.

O significado moral do ato generoso pode variar conforme a pessoa, bastando verificar o pressuposto que orienta a ação. Nos exemplos, predomina o egoísmo, o interesse próprio, e não a preocupação com quem necessita de nós.

- 4 No capítulo são dados exemplos de comportamento de adultos que se encaixam no estágio infantil de desenvolvimento moral. Observando seu cotidiano, dê outros exemplos similares.

As pessoas que furam fila, que param o carro em fila dupla, que sonegam impostos, que pagam mal os empregados para ter mais lucro, que agem com violência diante da violência etc.

- 5 Explique por que “obrigação e liberdade” fazem parte da escolha moral.

Agimos livremente porque o ato moral é um ato de vontade, que resulta da autonomia do sujeito. Mas, ao decidir o que é melhor a ser feito, o sujeito moral se obriga a agir conforme a norma por ele assumida.

- 6 Toda mudança moral pode ser caracterizada como progresso moral? Justifique a resposta.

Nem todas. Às vezes, as normas morais se tornam esclerosadas e precisam mudar, o que significa progresso quando há avanço na qualidade moral em proveito do “bem viver” em comunidade. Outras vezes, condutas consideradas “avançadas” na verdade são exemplos de individualismo, egocentrismo e narcisismo. É preciso que haja equilíbrio entre os interesses comuns e os pessoais.

Retomada dos conceitos

Professor: Consulte o Banco de Questões e incentive os alunos a usar o Simulador de Testes.

Professor: As afirmações devem ser justificadas pelo aluno usando o conceito da interação entre os aspectos social e pessoal da moral.

- 1 Observando o mundo em que você vive, identifique alguns valores morais que são desprezados e que, segundo seu ponto de vista, não deveriam sê-lo. Justifique seu posicionamento.

Resposta pessoal. Exemplos: a durabilidade de uma relação afetiva, que se desvanece nas primeiras dificuldades; a generosidade que independa do reconhecimento alheio, mas esteja centrada no interesse pelo ser humano; o compartilhamento do casal nos cuidados com os filhos e com a arrumação da casa.

- 2 “Todo animal deixa vestígios do que ele foi. Só o homem deixa vestígios do que ele criou. (...) O homem não é uma figura na paisagem. Ele é um modelador da paisagem.”

BRONOWSKI, Jacob. *Ciência e valores humanos*, Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1979.

A partir da citação, podemos concluir que a intervenção humana no mundo é transformadora, para o bem e para o mal, ou seja, para construir ou destruir. Analise qual é nossa responsabilidade moral diante desse poder.

Resposta pessoal.

- 3 Em grupo, levante questões relacionadas à ética aplicada (bioética, ética ambiental e ética dos negócios) e que foram objeto de discussão na mídia. Depois, em classe, alguns desses temas serão escolhidos para debate e posicionamento pessoal.

Resposta pessoal.

Professor: A questão é aberta, mas gira em torno das questões levantadas pela ética aplicada: a ambiguidade do progresso, a manipulação do ser humano, a degradação do ambiente.

Professor: Embora as escolhas sejam dos grupos, convém fazer o levantamento e a distribuição dos temas em classe, para alcançar maior diversidade de enfoque. Mesmo considerando os três campos citados, há inúmeros subtemas que podem ser analisados em cada um deles.

- 4 Leia o boxe com a citação de Comte-Sponville e relacione-a à frase do filósofo francês Alain: “A moral nunca é para o vizinho”.

Resposta pessoal.

- 5 Redija um pequeno texto sobre a seguinte afirmação:

“Pela primeira vez na história da espécie humana, os homens foram praticamente colocados ante a tarefa de assumir a responsabilidade solidária pelos efeitos de suas ações em medida planetária”.

APEL, Karl-Otto. *Estudos de moral moderna*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 74.

Karl-Otto Apel, filósofo alemão e interlocutor de

Habermas, também participa da

tendência da *ética do discurso*. Suas preocupações

se ampliam ao campo da ética

ambiental, daí o interesse pelo futuro do planeta.

Os alunos poderão examinar

os impasses colocados pelo avanço da ciência e

da tecnologia, ou seja, os riscos

do progresso (poluição, globalização predadora

no campo dos negócios, aplicação

irresponsável de conhecimentos da genética etc.).

- 6 Leia a citação e, a seguir, atenda às questões:

“Todo ser humano tem um direito legítimo ao respeito de seus semelhantes e está, por sua vez, obrigado a respeitar todos os demais. A humanidade ela mesma é uma dignidade, pois um ser humano não pode ser usado meramente como um meio por qualquer ser humano (quer por outros quer, inclusive, por si mesmo), mas deve sempre ser usado ao mesmo tempo como um fim. É precisamente nisso que sua dignidade (personalidade) consiste, pelo que ele se eleva acima de todos os outros seres do mundo que não são seres humanos e, no entanto, podem ser usados e, assim, sobre todas as coisas. Mas exatamente porque ele não pode ceder a si mesmo por preço algum (o que entraria em conflito com seu dever de autoestima), tampouco pode agir em oposição à igualmente necessária autoestima dos outros, como seres humanos, isto é, ele se encontra na obrigação de reconhecer, de um modo prático, a dignidade da humanidade em todo outro ser humano. Por conseguinte, cabe-lhe um dever relativo ao respeito que deve ser demonstrado a todo outro ser humano”.

KANT, Immanuel. *A metafísica dos costumes (Doutrina dos elementos da ética, § 38 e 39)*. Bauru: Edipro, 2003. pp. 306-307.

Professor: Destaque a autonomia necessária para a decisão moral de cada um ao comentar as análises pessoais do aluno. Vale lembrar o gosto de muitos pela maledicência. Isso sinaliza, de certa maneira, o autoritarismo e a repressão, reveladores de moralismo, entendido como adesão sem críticas às normas não questionadas.



- a) Procure no dicionário os significados da palavra *dignidade* e compare-os com o significado dado por Kant.

1. Modo de proceder que infunde respeito. 2. Elevação ou grandeza moral.

3. Honra. 4. Autoridade, gravidade. 5. Qualidade daquele ou daquilo que é

nobre e grande etc. (Aurélio) 1. consciência do próprio valor; honra.

2. amor-próprio, 3. título, função ou cargo de alta graduação (Houaiss, míni).

Foi Kant quem desenvolveu o conceito igualitário de dignidade, relacionando-o

a qualquer ser humano, independentemente de seu cargo e posição social.

O valor principal da dignidade humana não está naquilo que diferencia os seres humanos, mas no que lhes é comum.

- b) Dê exemplos de situações em que pessoas são usadas como meio, e não como fim.

Escolha pessoal entre exemplos que implicam exploração, sujeição etc., seja

no trabalho, nas relações afetivas, em todos os espaços de convívio humano.

- c) Na época contemporânea, os estudiosos da ética aplicada ao campo da ecologia fariam ressalvas à afirmação de Kant segundo a qual o ser humano se eleva acima de todos os outros seres do mundo (poderíamos especificar: acima dos animais e das coisas). Justifique.

Tradicionalmente, não existia uma reflexão sobre os direitos dos animais. Hoje,

com a consciência ecológica, não se fala mais em “explorar as riquezas

naturais”, mas em respeito à natureza. Além disso, existe uma ética dos

animais que regula o tratamento que devemos dar a eles, não só para preservar

as espécies, mas também para não submetê-las a violência e maus-tratos.

Redação

- 7 “Viver — não é? — é muito perigoso. Porque ainda não se sabe. Porque aprender-a-viver é que é viver, mesmo.”

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

Faça uma dissertação em seu caderno a partir dessa citação de Guimarães Rosa. Procure relacioná-la ao que afirmamos no capítulo: o esforço por agir bem exige um alerta constante.

Vale lembrar que a moral não resulta de “receitas para bem-viver”, mas exige a participação autônoma do indivíduo diante dos impasses que enfrenta na vida.

CAPÍTULO 3

Concepções de ética: da Antiguidade à Idade Moderna

1 Introdução

O que eu quero da vida? Quero ser feliz!

Mas o que é ser feliz? Eis a questão! Para uns, a felicidade está na busca do prazer. Para outros, os prazeres provocam instabilidade, dor e sofrimento e por isso o ideal seria sufocar as paixões. Há quem pense que a perfeita felicidade só se encontra na vida após a morte, realizando-se na comunhão com Deus. Já outros acham que não é a felicidade que importa, mas sim agir conforme o dever.

Também tem sido essa a preocupação dos filósofos ao longo dos tempos, ao se aprofundarem nas questões teóricas, tais como: Em que consiste o bem? Qual o fundamento da ação moral? Qual a natureza do dever? De onde vêm as normas morais? Elas podem ser mudadas? Quem pode alterá-las? Essas perguntas nos remetem para o campo da ética.

Neste capítulo, veremos as concepções de ética na Antiguidade, Idade Média e Idade Moderna, até Espinosa.



Ética

Este termo origina-se do grego *ethike*, *ethikós*, “que diz respeito aos costumes”: é a parte da filosofia que reflete criticamente sobre a experiência moral e discute as noções e os princípios que embasam a conduta moral.

2 A concepção platônica: a relação entre corpo e alma

A reflexão ética propriamente dita teve início, no mundo ocidental, na Grécia antiga, quando os filósofos procuravam o fundamento moral conforme uma compreensão da realidade distanciada dos relatos míticos.

Refleta

Sócrates nada deixou escrito, e o que dele conhecemos foi por meio dos diálogos de Platão, de relatos de Xenofonte e de outros comentaristas. Qual, então, seria o verdadeiro Sócrates?

Professor: A questão remete à construção da figura de Sócrates pelos seus comentaristas e/ou seus detratores. Estes últimos são os que o ridicularizaram (o comediante Aristófanes, por exemplo) e os que o condenaram à morte. Essas são as interpretações que recebemos.

Segundo Sócrates, esse fundamento encontra-se na própria natureza humana. No diálogo *Eutífron*, de Platão, Sócrates discute inicialmente sobre as ações da pessoa ímpia (que não tem fé) ou santa, conforme a ordem constituída, para então se perguntar em que consiste a impiedade e a santidade em si, independentemente dos casos concretos.

Seu discípulo Platão, ao descrever a “teoria da alma” (a psicologia platônica), tece reflexões morais a respeito do que se espera do comportamento humano. Para ele, a alma é um princípio imaterial, intelectual e imortal. Mas não só: antes de encarnar, a alma teria vivido no mundo das ideias, mundo das essências perfeitas e onde tudo conheceu por simples intuição, ou seja, por conhecimento intelectual direto e imediato, sem precisar usar os sentidos.

No entanto, quando a alma se une ao corpo, sofre uma degradação, por se tornar prisioneira dele. A alma humana passa então a se compor de duas partes, uma superior e outra inferior:

- A alma superior é a alma intelectiva;
- A alma inferior é a alma do corpo, por isso é irracional e se acha, por sua vez, dividida em duas partes: a irascível ou colérica, que se irrita facilmente, centrada no peito; e a concupiscível, centrada no ventre, é a alma dos desejos insaciáveis pelos bens materiais e pelo sexo.

O corpo e a consciência

Platão dá início a uma longa tradição assentada sobre o dualismo corpo-consciência, que será criticada por Espinosa, Nietzsche, e no século XX, por diversas correntes filosóficas.



Figura 1 • Platão (c. 428-347 a.C.).

Todo drama humano consiste, para Platão, na tentativa de domínio da alma superior sobre a inferior. Escravizada pelo sensível, a alma inferior conduz à mera opinião (e não ao conhecimento verdadeiro) e, conseqüentemente, ao erro. O corpo é também ocasião de corrupção e decadência moral, e se a alma superior não souber controlar as paixões e os desejos, seremos incapazes de comportamento moral adequado.

Por isso mesmo o amor sensível deve estar subordinado ao amor intelectual. No diálogo *O banquete*, Platão demonstra que, se na juventude predomina a admiração pela beleza física, o verdadeiro discípulo de Eros amadurece com o tempo ao descobrir que a beleza da alma é mais preciosa que a do corpo: eis aí o que chamamos de amor platônico.

Essa concepção se encontra também na célebre passagem de *A República*, em que Platão descreve o mito da caverna: em uma caverna, pessoas se encontram acorrentadas desde a infância, de tal modo que, não podendo ver a entrada dela, apenas enxergam o seu fundo, no qual são projetadas as sombras das coisas que passam às suas costas, onde há uma fogueira. Quando um desses indivíduos se solta das correntes e sai à luz do dia para contemplar os verdadeiros objetos, toma consciência do seu engano. Ao regressar, relata o que viu aos seus antigos companheiros, mas esses o consideram louco e não acreditam em suas palavras.

Portanto, é o sábio o único capaz de se soltar das amarras que o obrigam a ver apenas sombras do mundo sensível e, dirigindo-se para fora da caverna, contempla o Sol, que representa a ideia do Bem.

3 Aristóteles: a felicidade como bem supremo

A principal obra de Aristóteles sobre o assunto foi a *Ética a Nicômaco*, que exerceu forte influência no pensamento ocidental. Segundo sua teoria, conhecida como **eudemonismo**, todas as atividades humanas aspiram a algum bem, dentre os quais o maior é a felicidade, que não se encontra nos prazeres nem na riqueza e sim na vida virtuosa, bem alcançável pela atividade racional.

Assim diz Aristóteles:

"[...] o que é próprio de cada coisa é, por natureza, o que há de melhor e de **aprazível** para ela; e, assim, para o homem a vida conforme a razão é a melhor e a mais aprazível, já que a razão, mais que qualquer outra coisa, é o homem. Donde se conclui que essa vida é também a mais feliz".

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco* (Livro X, 7, 1178a).

Glossário

Eudemonismo. Do verbo grego *eudaimonéo*, que significa "ser feliz".

Aprazível. Que apraz, que causa prazer; no contexto, não se trata de qualquer prazer, mas o que desperta maior interesse, que é a atividade da sabedoria filosófica.

O bem que é a felicidade, porém, não é alcançado de uma só vez, mas exige o esforço de uma vida inteira no exercício da virtude. Como vimos no capítulo anterior, "O que é moral", para Aristóteles, a virtude é uma disposição para querer o bem que resulta de um hábito e não de atos ocasionais.

Mais ainda: é a disposição para escolher a "justa medida", o "meio-termo", pelo qual uma pessoa dotada de sabedoria escolhe a média entre dois extremos (por excesso ou por carência). Por exemplo, a virtude da modéstia está entre a timidez (excesso) e o impudor (carência). A virtude da coragem é o justo meio entre a temeridade, que é a ousadia imprudente, e a covardia, que é a falta. Diante dos prazeres, a temperança é a virtude média entre a intemperança e a insensibilidade. Sendo assim, a vida virtuosa consiste na áurea mediocridade, entendida como um princípio pelo qual uma atividade moral é considerada boa enquanto a escolhemos na medida certa.

É a sabedoria prática que nos faz reconhecer a justa medida e orientar nossa escolha. Essa sabedoria é uma espécie de prudência que garante nossa autonomia, a liberdade de agir.

3.1 Justiça e amizade

Segundo Aristóteles, o indivíduo bom é generoso, isto é, não pensa apenas em si, mas se orienta para atender às dificuldades e necessidades dos outros. Nesse sentido, a justiça se refere às relações entre as pessoas (virtude individual, usada para consigo mesmo e para com os outros) e também às relações dos indivíduos com o governo (virtude social), estabelecidas em leis. Portanto, a justiça pode ser uma virtude moral ou política.

Ao examinar a justiça, Aristóteles retoma a ideia da justa medida, já que a justiça significa não dar aos outros demasiado nem de menos. Por isso a justiça se baseia na proporcionalidade. Esta pode se fazer nos tipos de justiça distributiva e corretiva.

Justiça distributiva

A justiça distributiva é a que considera a diferença entre as pessoas, distribuindo os bens na proporção do mérito, da capacidade, da necessidade, da aptidão etc. Por exemplo, ao servir seus filhos durante a refeição, a mãe coloca quantidades diferentes para cada um, de acordo com a idade, o apetite e as condições de saúde. Até o tipo de alimento varia, quando se trata, por exemplo, de um bebê ou de um adolescente.

Justiça corretiva

A justiça corretiva, também chamada retributiva, tem por função garantir a proporção nas transações entre os indivíduos. Ela pode ser de dois tipos:

- Quando há equilíbrio na iniciativa de ambos os lados, tal como ocorre nos negócios, nos acordos, nas trocas que têm como fim observar a proporção para que ninguém seja prejudicado; por exemplo, não se vende uma casa pelo valor de um sapato;
- Quando não há equilíbrio entre as partes e uma delas é vítima de ação geralmente criminosa, tal como ocorre em casos de roubo, assassinato etc.; em decorrência, é exigida a reparação da injustiça, para restituir o bem perdido ou compensar o mal, sempre na proporção do dano sofrido. Aristóteles adverte que a reparação da injustiça não deve ter por base uma retribuição exatamente igual, mas de acordo com uma proporção. Ou seja, não é porque alguém feriu que deve ser ferido em represália.

Por fim, Aristóteles discute a amizade como o coroamento da vida virtuosa, possível só entre os prudentes e justos, já que a amizade supõe a justiça, a generosidade, a benevolência, a reciprocidade dos sentimentos. Amar a si e aos amigos de maneira generosa e desinteressada “é o que há de mais necessário para viver”.

Refleta

Ferir quem feriu, matar quem matou é prática de tempos remotos, conhecida como “lei de talião”, que se fundamenta na vingança, pela qual se paga o mal com o mal.

Glossário

Hedonismo. Do grego *hedoné* = “prazer”.

4 Hedonistas e estoicos

Para os **hedonistas**, o bem se encontra no prazer. Segundo o senso comum, costuma-se dizer que a civilização contemporânea é hedonista, por identificar a felicidade com a satisfação imediata dos prazeres, sobretudo pelo consumismo: ter uma bela casa, um carro possante, muitas roupas, boa comida, múltiplas experiências sexuais. E, também, pela incapacidade de tolerar qualquer desconforto, seja uma simples dor de cabeça ou o enfrentamento sereno das doenças e da morte.

No entanto, não é esse o sentido do hedonismo grego, que surgiu com Epicuro (séc. III a.C.). Segundo a ética epicurista, os prazeres do corpo são causa de ansiedade e sofrimento; portanto, para que a alma permaneça imperturbável, é preciso aprender a gozá-los com moderação. Essa atitude o levou ao cultivo dos prazeres espirituais, com destaque para a amizade.

Assim diz Epicuro:

“[...] o prazer é o início e o fim de uma vida feliz. Com efeito, nós o identificamos como o bem primeiro e inerente ao ser humano, em razão dele praticamos toda escolha e toda recusa, e a ele chegamos escolhendo todo bem de acordo com a distinção entre prazer e dor.

Embora o prazer seja nosso bem primeiro e inato, nem por isso escolhemos qualquer prazer: há ocasiões em que evitamos muitos prazeres, quando deles nos advêm efeitos o mais das vezes desagradáveis; ao passo que consideramos muitos sofrimentos preferíveis aos prazeres, se um prazer maior advier depois de suportarmos essas dores por muito tempo”.

EPICURO. *Carta sobre a felicidade (a Meneceu)*. São Paulo: Unesp, 2002. pp. 37-38.

Figura 2 • Os epicuristas eram conhecidos como os filósofos do jardim: aí celebravam a amizade, aprendendo a cuidar da vida como um belo jardim.

Por causa dessa aparente severidade, alguns teóricos identificaram o hedonismo de Epicuro ao **ascetismo**, mas, segundo Comte-Sponville, trata-se de um equívoco: “(...) se devemos renunciar a gozar cada vez mais, não é por desdém ao prazer ou por fascínio pelo esforço: é para gozar melhor”.

Na mesma época, Zeno de Cítio fundou a ética estoica. Diferentemente dos epicuristas, para ele a felicidade não se orienta pela busca do prazer, mas no exercício constante da virtude. Reconhece que o ser humano é apenas uma parte da natureza e por isso deve aceitar o destino e lutar contra as forças da paixão, causadoras de intranquilidade e dor.

Como é próprio da natureza humana viver racionalmente, cabe à razão substituir o instinto pela vontade, a fim de alcançar a harmonia de vida e, portanto, a sabedoria e a felicidade. Para tanto, deve eliminar as paixões (apatia) e atingir a imperturbabilidade (*ataraxia*, em grego), aceitando o seu destino.



Professor: simpatia (sentir junto), empatia (capacidade de se identificar com alguém), patético (capaz de provocar emoção intensa), patologia (estudo das doenças), paciente (aquele que suporta). Importante lembrar que paixão pode significar sentimento intenso, mas também sofrimento: a paixão de Cristo.

Refleta

Apatia é um termo formado por *pathos*, “paixão”, e *a*, que designa ausência; portanto, *apatheia* é o estado de indiferença e de passividade afetiva. Você conhece outros termos formados com *pathos*?

5 Idade Média: moral e religião

O ideal ascético, muito bem aceito pelo cristianismo medieval, consiste numa adaptação religiosa do pensar estóico. A ascese visa ao aperfeiçoamento da vida espiritual por meio de práticas de mortificação do corpo, flagelação, jejum e abstinência.

Essa tendência predominou na Alta Idade Média, ainda influenciada pela filosofia cristã dos “padres da Igreja”, que predominou desde o século II até o século VII. No auge da **escolástica**, porém, o filósofo e teólogo Santo Tomás de Aquino adaptou o aristotelismo aos ideais cristãos e recuperou a ética eudemonista. Fiel ao ideal religioso, admitia que a única contemplação que garante a felicidade é a contemplação de Deus, de quem teremos conhecimento pleno só na vida futura, após a morte.

Glossário

Ascetismo. Prática da ascese, que consiste no exercício de uma vida austera, pelo controle das paixões, visando a perfeição moral e, em alguns casos, religiosa.

Escolástica. Filosofia cristã que prevaleceu no período medieval, a partir do século IX e atingiu seu auge no século XIII, com Tomás de Aquino.



Figura 3 • Nesta tela, com a exaltada imaginação que lhe era peculiar, Bosch retrata o santo na sua ascense.

Desde a expansão do cristianismo, portanto, a cultura ocidental esteve marcada pela tradição moral fundada nos valores religiosos e na crença na vida após a morte. Sob essa perspectiva, os valores são **transcendentes**, porque resultam de doação divina, o que leva à identificação da pessoa moral com o ser temente a Deus.

6 A ética de Espinosa

A partir da Idade Moderna, embora a religião continuasse a ter a sua importância nas convicções pessoais, em vários campos do saber foi se desenvolvendo a consciência da capacidade humana de conhecer e de avaliar por si mesmo, processo que culminou com o Iluminismo, no século XVIII.

Desse modo, ser moral e ser religioso deixam de ser polos inseparáveis, porque o fundamento dos valores não mais se encontra em Deus, mas no próprio ser humano.

No campo da discussão ética foi importante o pensamento inovador de Baruch Espinosa, filósofo holandês do século XVII, que criticou a ética tradicional. Sofreu perseguições e sua obra foi mal compreendida e pouco lida, tendo inclusive sofrido censura.

Ora acusado de ateu, ora de **panteísta**, Espinosa foi considerado por muitos um filósofo determinista, no sentido de que negaria a liberdade humana. Ao contrário, sua filosofia se opõe a toda forma de poder, quer política, quer religiosa, na tentativa de elucidar os obstáculos à vida, ao pensamento e à política livres. Ele quer descobrir o que nos leva à servidão e à obediência. Ao estudar o comportamento moral, Espinosa procura o que permite e o que impede o exercício da liberdade.

Analisando as possibilidades de expressão da liberdade, desenvolve uma teoria absolutamente inovadora no seu tempo e que desafia a tradição vinda dos gregos. Trata-se da teoria do paralelismo, segundo a qual não há relação de causalidade ou de hierarquia entre corpo e espírito. Ou seja, nem o espírito é superior ao corpo, como queriam os idealistas, nem o corpo determina a consciência, como dizem os materialistas. A relação entre um e outro não é de causalidade, mas de expressão e simples correspondência. O que se passa em um deles se exprime no outro: a alma e o corpo exprimem, em seu modo próprio, a mesma coisa.

Nesse sentido, não convém dizer que o corpo é passivo enquanto a alma é ativa, ou vice-versa. Tanto a alma como o corpo podem ser, por sua vez, ativos ou passivos. Quando passivos, o somos de corpo e alma. Quando ativos, o somos de corpo e alma. Somos ativos quando autônomos, senhores de nossa ação. E passivos, quando o que ocorre em nosso corpo ou em nossa alma tem uma causa externa mais poderosa que nossa força interna. Daí decorre a heteronomia.

Ora, a virtude da alma, no sentido primitivo de força, poder, consiste na atividade de pensar, de conhecer. Portanto, a sua fraqueza é a ignorância. Quando a alma se volta para si mesma e se reconhece capaz de produzir ideias, passa a uma perfeição maior e é, portanto, afetada pela alegria. Mas, se em alguma situação a

Glossário

Transcendente/transcendência. Do latim *transcendere* "ultrapassar", "superar"; segundo a concepção religiosa, Deus transcende o mundo.

Panteísta. Do grego *pan*, "tudo" e *theo*, "deus"; concepção que identifica Deus à natureza.

alma não consegue entender, a descoberta de sua impotência causa o sentimento de diminuição do ser e, portanto, provoca tristeza. Nesse caso, a alma está passiva.

E o que são a alegria e a tristeza? Segundo Espinosa, paixões. No sentido etimológico, a palavra paixão significa “padecer”, “sofrer”, e, nesse contexto, refere-se aos sentimentos que nos afetam devido a causas exteriores a nós. A diferença entre alegria e tristeza, porém, é que a paixão triste é a consciência que temos da diminuição da nossa realidade e da nossa capacidade de agir. Por exemplo, ignorar é tristeza, perder a pessoa amada é tristeza. Daí derivam outros afetos (tristes): desesperança, autopiedade, medo, ressentimento, inveja, ódio. É possível ultrapassar esse estado criando condições para que as paixões alegres se tornem mais fortes que as tristes. Conhecer e criar geram alegria, que consiste na consciência do aumento de nossa capacidade de agir. As paixões alegres fazem nascer o amor, a amizade, o contentamento, a esperança, e só elas serão capazes de combater aquelas nascidas da tristeza.

Para Espinosa, a liberdade não está em nos livrarmos das paixões, mas em sermos capazes de perceber que somos causas das paixões: liberdade é autodeterminação, é autonomia. Conseguimos isso sobrepondo, às paixões nascidas da tristeza, as paixões alegres.

Enquanto a tradição filosófica separava e hierarquizava espírito e corpo, para Espinosa, a razão não é superior aos afetos e, portanto, não cabe a ela controlá-los. As **afecções** do corpo e os sentimentos da alma são forças do existir e do agir e jamais serão vencidas por uma ideia ou por uma vontade, mas apenas por outros afetos mais fortes e poderosos do que eles.

As boas paixões permitem o desenvolvimento humano, facilitam o encontro das pessoas e proporcionam a alegria. As más impedem o crescimento, corrompem as relações e as orientam para as formas de exploração e destruição. Assim diz a professora Marilena Chaui:

“A filosofia de Espinosa é uma ética da alegria, da felicidade, do contentamento intelectual e da liberdade individual e política”.

CHAUÍ, Marilena. *Espinosa, uma filosofia da liberdade*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2006. p. 49.



Figura 4 • Baruch Espinosa (1632-1677).

Glossário

Afecção. Para Espinosa, é a capacidade do corpo de afetar outros corpos e ser por eles afetado.

7 Conclusão

Neste capítulo, vimos como os filósofos da Antiguidade reconhecem a importância da ética como um modo de agir que supõe o controle da vontade pela razão. Seja em Platão, pela “ascensão da alma” a estágios superiores, seja em Aristóteles, pelo saber prático orientado pela prudência, que permite alcançar o objetivo humano por excelência, a felicidade.

Na Idade Média, a forte influência religiosa desloca o foco do objetivo final para a contemplação de Deus, único capaz de garantir a felicidade.

Por fim, Espinosa, já na Idade Moderna, critica pela primeira vez a hierarquia entre corpo e espírito ao recuperar o valor das paixões alegres.

Exercícios dos conceitos

- 1 A ética de Platão depende da sua concepção sobre a relação corpo e alma. Descreva como ele estabelece a hierarquização entre ambos.

Para Platão, a alma é um princípio imaterial, intelectual e imortal. Ao encarnar no corpo, degrada-se, por tornar-se dependente dos sentidos. Nesse caso, divide-se em alma superior (intelectiva) e inferior (corporal, irracional) que, por sua vez, se divide em irascível e concupiscível.

- 2 Releia a citação de Aristóteles no tópico “Aristóteles: a felicidade como bem supremo” e responda:

- a) Para Aristóteles, o que melhor caracteriza a natureza humana?

Aquilo que é próprio do ser humano, ou seja, a vida conforme a razão.

- b) O que é mais apazível para o ser humano? Em que consiste a felicidade para Aristóteles?

O que é mais apazível é a vida conforme a razão. Consequentemente, a felicidade se vincula à procura de um bem supremo, que se alcança pela atividade racional, pelo exercício da virtude. E a virtude é a disposição para escolher a justa medida.

- 3 Explique qual é a distinção que Aristóteles faz entre os dois tipos de justiça e suas subdivisões. Dê exemplos diferentes daqueles que constam do texto.

A justiça, que pode ser individual e social, é de dois tipos: 1) a distributiva, que distribui os bens na proporção do mérito; 2) a corretiva ou retributiva, que visa a garantir a proporção nas transações entre os indivíduos; esta pode ser: a) aquela em que há equilíbrio entre os indivíduos; b) aquela em que, não tendo havido equilíbrio, exige a reparação da injustiça.

- 4 Qual é o sentido vulgar de hedonismo? Em que a definição de Epicuro se opõe a esse sentido vulgar?

O sentido vulgar do hedonismo é a busca imediata dos prazeres e a incapacidade de tolerar o sofrimento. Para Epicuro, é preciso aprender a gozar os prazeres com moderação, distinguindo entre eles os que provocarão dores futuras. Daí a valorização dos prazeres espirituais.

- 5 Uma das características do estoicismo é a ataraxia. Explique seu significado.

Ataraxia: atingir a serenidade, após dominar ou extirpar as paixões que nos perturbam; aceitar a dor e a morte com tranquilidade.

- 6 Durante a Idade Média, nas regiões influenciadas pelo cristianismo, a moral esteve estritamente ligada à religião. Explique o motivo da estreita relação entre moral e religião.

Os filósofos medievais eram também teólogos, e adaptaram o pensamento grego aos ideais cristãos. Consequentemente, a vida moral estava atrelada à moral cristã, uma vez que a finalidade de toda ação era a contemplação de Deus e a preocupação com a vida depois da morte.

- 7 Usando os conceitos de Espinosa, esclareça a frase do filósofo e explique em que ela é inovadora no seu tempo: "O desejo que nasce da alegria é mais forte do que o desejo que nasce da tristeza".

Contra uma paixão triste, só pode agir uma paixão alegre. A razão não age sobre os afetos. Portanto, só uma paixão alegre (e não a razão) pode combater as paixões nascidas da tristeza.

- 8 No decorrer da história da filosofia, filósofos se contrapuseram ao estoicismo. Resuma a argumentação de Espinosa e, em seguida, posicione-se a respeito.

Espinosa não demonizou as paixões, antes estabeleceu a teoria do paralelismo, segundo a qual não há relação de causalidade ou de hierarquia entre corpo e espírito. Por isso não se pode dizer que nas paixões somos passivos e na razão, ativos. Quanto ao posicionamento, é pessoal do aluno. Pode-se sugerir, por exemplo, se as argumentações racionais são suficientes para demover as paixões tristes, como o ódio, a inveja ou um vício.

Professor: Consulte o Banco de Questões e incentive os alunos a usar o Simulador de Testes.

Retomada dos conceitos

- 1 "Essa é a abordagem ou indução correta dos assuntos do amor. Começando pelas belezas óbvias, ele deve, pelo bem da mais elevada beleza, ascender sempre, como nos degraus de uma escada, do primeiro para o segundo e daí para todos os corpos belos; da beleza pessoal chega aos belos costumes, dos costumes ao belo aprendizado e do aprendizado, por fim, àquele estudo particular que se ocupa da própria beleza e apenas dela; de forma que finalmente vem a conhecer a essência mesma da beleza."

PLATÃO. *O banquete*. (211a).

A partir da citação, identifique a teoria do amor platônico.

O amor platônico não se prende à beleza particular, porque a beleza da alma é superior à do corpo, que é sensível, finita e passageira.

- 2 “Com efeito, os homens aplicam o nome de amigos mesmo àqueles cujo motivo é a utilidade, e nesse sentido se diz que as disposições são amigáveis (pois as alianças de disposições parecem visar à vantagem), e também aos que se amam com vistas no prazer – e é neste sentido que se diz serem amigas as crianças.”

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. (Livro VIII, 4, 1157a).

A partir dessa citação, responda:

- a) Em que este tipo de amizade se distingue daquele que Aristóteles considera a amizade mais perfeita?

Esta amizade visa ao interesse, a alguma vantagem ou ao prazer, enquanto a amizade perfeita é generosa e desinteressada.

- b) Discuta com seus colegas de grupo quais são os tipos de amizade mais comuns que cada um conhece ou já experimentou.

Exemplos de amizades: elas podem ser um tipo de amizade quando se é criança e outro quando se é adolescente; a amizade com os pais; a amizade possível com um(a) ex-namorado(a) ou ex-cônjuge; a amizade possível entre pessoas de sexos diferentes etc. As respostas dependerão do encaminhamento dado pelo grupo.



- 3 “Os filósofos concebem as emoções que se combatem entre si, em nós, como vícios em que os homens caem por erro próprio; é por isso que se habituaram a ridicularizá-los, deplorá-los, reprová-los ou, quando querem parecer mais morais, detestá-los (...). Tive todo o cuidado em não ridicularizar as ações dos homens, não as lamentar, não as detestar, mas adquirir delas verdadeiro conhecimento.”

ESPINOSA, *Tratado político*. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1973. pp. 313-314.

Considere essa citação e responda:

- a) Qual é a relação que Espinosa estabelece entre razão e paixão?

Quando diz “os filósofos concebem”, Espinosa se refere à tradição vinda desde Platão. Não ridicularizar as paixões é aceitar corpo e alma em pé de igualdade. Compreendê-las significa não nos livrarmos delas, mas entender como se estabelece a relação corpo e alma na direção de nossa autonomia.

b) Que tipos de paixões o filósofo distingue?

As paixões tristes, com as quais não somos seres autônomos e que nos orientam para a destruição. E as paixões alegres, que estimulam o bom encontro das pessoas e aumentam nossa capacidade de existir e de agir.

c) Compare a concepção da relação entre corpo e alma em Platão e em Espinosa.

Para Platão, o corpo é o "túmulo da alma", os sentidos e as paixões dificultam, portanto, o reto comportamento moral. Espinosa, ao contrário, percebe a possível harmonia entre os sentimentos da alma e as ideias da razão.

4 (UEL)

"Ora, nós chamamos aquilo que deve ser buscado por si mesmo mais absoluto do que aquilo que merece ser buscado com vistas em outra coisa, e aquilo que nunca é desejável no interesse de outra coisa mais absoluto do que as coisas desejáveis tanto em si mesmas como no interesse de uma terceira; por isso chamamos de absoluto e incondicional aquilo que é sempre desejável em si mesmo e nunca no interesse de outra coisa."

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. São Paulo: Nova Cultural, 1987, 1097b. p. 15.

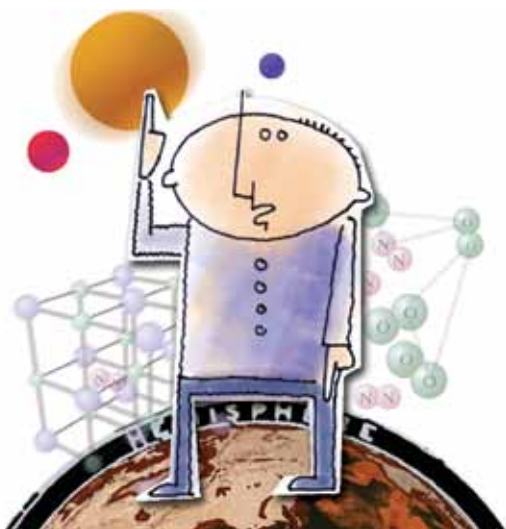
De acordo com o texto e os conhecimentos sobre a ética de Aristóteles, assinale a alternativa correta:

- a) Segundo Aristóteles, para sermos felizes é suficiente sermos virtuosos.
- b) Para Aristóteles, o prazer não é um bem desejado por si mesmo, tampouco é um bem desejado no interesse de outra coisa.
- c) Para Aristóteles, as virtudes não contam entre os bens desejados por si mesmos.
- ☒ d) A felicidade é, para Aristóteles, sempre desejável em si mesma e nunca no interesse de outra coisa.
- e) De acordo com Aristóteles, para sermos felizes não é necessário sermos virtuosos.



CAPÍTULO 4

Concepções de ética: do Iluminismo aos dias atuais



1 Introdução

Desde o Renascimento havia um esforço em tornar a moral laica, desligada da religiosidade que impregnou a filosofia medieval. Essa tendência tomou outro fôlego no Iluminismo, com as críticas de Hume e a alentada reflexão de Kant, para quem o agir moral se funda apenas na razão. Na sequência, outros pensadores, como Nietzsche e depois Freud, se reorientaram na direção do sujeito concreto, dando ênfase aos valores da vida e às paixões humanas. Nos tempos atuais, muitos ainda criticam os pressupostos racionalistas da moral herdada do Iluminismo, buscando outras alternativas para compreender a vida moral, como veremos neste capítulo.

2 O Iluminismo

O século XVIII é chamado o “Século das Luzes”, por se caracterizar pelo movimento intelectual conhecido como Iluminismo ou Ilustração, segundo o qual a razão, como uma luz, interpreta e reorganiza o mundo em todas as expressões do pensamento e das atividades humanas. Recorrer à razão significa defender a ciência e a racionalidade e recusar a intolerância religiosa e o critério de autoridade.

A filosofia do Iluminismo também sofreu influência da revolução científica e de suas consequências no sentido de fazer surgir as novas ciências e desenvolver a eficácia da técnica, o que representou uma ênfase na noção de progresso. O uso da razão estendeu-se a todos os domínios: político, econômico, moral e religioso.

Desde o século anterior a moral se tornava laica, secularizada. Ou seja, moralidade e religiosidade não seriam mais polos inseparáveis, possibilitando que um ateu fosse moral ou que um indivíduo temente a Deus buscasse os fundamentos da moral não mais em Deus, mas no próprio ser humano.

A influência do Iluminismo se estendeu por toda a Europa, principalmente na França, Grã-Bretanha e Alemanha. O poder de penetração da Ilustração na França se deve ao caráter vulgarizador da produção de seus filósofos, empenhados em “levar as luzes” a todas as pessoas. Importante nesse processo foi a publicação da *Enciclopédia*, obra imensa cujo trabalho de edição e redação dos verbetes foi confiado a diversos intelectuais, como Voltaire, Helvetius, Montesquieu, Rousseau, Condillac, D’Alembert e Diderot.

Refleta

Durante a Ilustração, alguns filósofos eram conhecidos como livre-pensadores, por criticarem a Igreja oficial e pregarem a tolerância religiosa. Foram os iniciadores do *deísmo* ou “religião natural”.

Na Escócia, o maior expoente foi David Hume. Na filosofia alemã, além de outros pensadores, o filósofo por excelência foi Kant, que criou uma obra sistemática cuja influência iria marcar a filosofia posterior.

3 O ceticismo de Hume

Para David Hume (1722-1776), filósofo escocês, a única base para as ideias gerais é a crença; por consequência, também no campo da moral não atingimos verdades absolutas. Hume rejeita todo sistema ético que não se baseie em fatos e observações. Partindo da conduta humana efetiva, distingue o útil e o agradável na raiz dos atos morais. Por exemplo, a justiça é útil à coletividade, assim como o homicídio é mau, por prejudicá-la. Daí Hume ser conhecido pelo utilitarismo ético.

4 A moral kantiana

Immanuel Kant foi o maior expoente do Iluminismo. Sistematizou suas concepções éticas nas obras *Fundamentos de uma metafísica dos costumes* e *Crítica da razão prática*.

A razão prática diz respeito ao instrumento para compreender o mundo dos costumes e orientar o indivíduo na sua ação. Analisando os princípios da consciência moral, Kant conclui que a vontade humana é verdadeiramente moral quando regida por imperativos categóricos. O imperativo categórico é assim chamado por ser incondicionado, absoluto, voltado para a realização da ação tendo em vista apenas o dever.

Por isso Kant rejeita as concepções morais que predominavam até então, quer seja da filosofia grega, quer seja da cristã, e que norteiam a ação moral a partir de condicionantes como a felicidade e o interesse. Por exemplo, não faz sentido agir bem com o objetivo de ser feliz ou evitar a dor, ou ainda para alcançar o céu ou não merecer a punição divina. Esses imperativos tradicionais não são categóricos, mas hipotéticos, porque sempre orientados por um fim desejado e, portanto, estão condicionados por algo exterior.

O agir moral se funda exclusivamente na razão. A lei moral que a razão descobre tem duas importantes características:

- É universal, pois não se trata de descoberta subjetiva, mas fruto do pensamento racional;
- É necessária, pois é ela que preserva a dignidade humana.

Assim diz Kant: “Aja de tal modo que a máxima de sua ação possa sempre valer como princípio universal de conduta”.

Refleta

Se aceitarmos o roubo e consequentemente o enriquecimento ilícito, e elevarmos essa máxima (pessoal) ao nível universal, haverá uma contradição: se todos podem roubar, não há como manter a posse do que foi furtado.

Portanto, a ética kantiana está fundada na determinação formal da vontade, uma boa vontade desinteressada. Daí a importância da autonomia, condição segundo a qual o dever é livremente assumido pelo sujeito capaz de se autodeterminar. Consequentemente, a heteronomia é a fonte de todos os princípios ilegítimos da moralidade. E conclui:

Refleta

Atenção! Não confundir com crença religiosa: para Hume, a crença é uma verdade que aceitamos, com certo grau de probabilidade, mas que não podemos comprovar racionalmente. Já a crença religiosa depende de uma verdade revelada por Deus e aceita sem contestação.

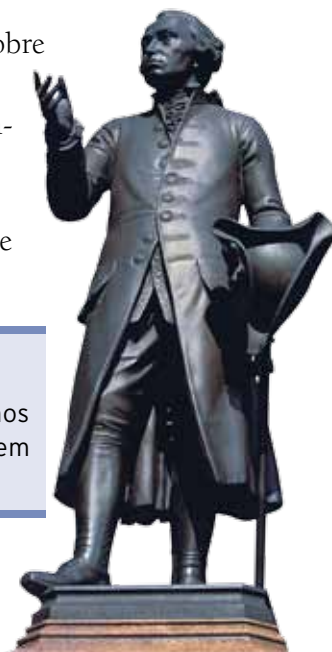


Figura 1 • Immanuel Kant (1724-1804), filósofo alemão.

“Seres racionais estão todos submetidos a esta lei que manda que cada um deles jamais se trate a si mesmo ou aos outros simplesmente como meios, mas sempre simultaneamente como fins em si”.

KANT, Immanuel. *Fundamentação da metafísica dos costumes*. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p. 139.

Os filósofos posteriores a Kant irão se posicionar contra a moral kantiana, criticada pelo excessivo formalismo, uma vez que se funda em uma razão universal, abstrata. É nesse sentido que diversos pensadores tentarão encontrar o sujeito concreto da ação moral.

Reflita

Para Marx, a ideologia é um conjunto de ideias e normas de conduta da classe dominante que garante a consciência ilusória de que a sociedade dividida é uma e harmônica, como se todos partilhassem dos mesmos interesses e ideais.

5 Moral e existência concreta

Na crítica à moral universalista kantiana, Hegel, filósofo alemão do século XIX, destaca, por exemplo, a importância da relação do sujeito com a cultura e a história, compreendendo a variação dos valores de acordo com o tempo e a sociedade.

Também Marx, por outros caminhos, explica a moral como uma das expressões da consciência humana que, por sua vez, são o reflexo das relações sociais estabelecidas no mundo do trabalho. Nesse caso, conforme variam os modos de produção, mudam não só as normas morais, mas também os valores políticos, estéticos etc. Segundo esse tipo de análise, nas sociedades divididas em classes, com interesses antagônicos, a moral da classe dominante impõe-se sobre a classe dominada e torna-se instrumento ideológico para manter a dominação.

Segundo Marx, apenas a sociedade mais fraterna, que tenha superado a exploração de uma classe sobre outra, poderá esperar pela emancipação moral.

Outros filósofos, como Schopenhauer e Kierkegaard, também se opuseram à tradição racionalista do Iluminismo. Mas, na sequência, daremos destaque a Nietzsche, por ter realizado uma crítica mais radical.



Figura 2 • Friedrich Nietzsche (1844-1900), filósofo nascido na Prússia.

6 Nietzsche: a transvaloração dos valores

A influência de Nietzsche foi marcante para a demolição de antigas crenças, ao colocar em questão a escala de valores aceita muitas vezes devido ao hábito, mas também pela tradição filosófica. Orientando-se no sentido de recuperar as forças inconscientes, vitais e instintivas subjugadas pela razão durante séculos, critica Sócrates por ter encaminhado pela primeira vez a reflexão moral em direção ao controle racional das paixões e à desconfiança nos instintos.

Esse processo culminou com o cristianismo, que acelerou a “domesticação” do ser humano e incentivou a “moral de rebanho”, a “moral de escravos”. Para Nietzsche, essa moral é geradora de culpa e ressentimento, fundada na aceitação do sofrimento, da renúncia, do altruísmo, da piedade, da humildade, típicos da moral dos fracos. Diferentemente, a “moral dos senhores” é positiva, porque baseada no sim à vida, e se configura sob o signo da plenitude, do acréscimo.

O ressentimento nasce da fraqueza e é nocivo ao fraco. O indivíduo

Reflita

Não entenda os termos “escravos” e “senhores” no sentido literal: não se trata de defender a escravidão, mas de identificar, entre os indivíduos comuns, aqueles que se submetem e que, por obediência, negam os valores vitais.

ressentido, incapaz de esquecer, é como o **dispéptico**: fica “envenenado” pela sua inveja e impotência de vingança. Ao contrário, o indivíduo nobre sabe “digerir” suas experiências, e esquecer é uma das condições de manter-se saudável. A má consciência ou sentimento de culpa é o ressentimento voltado contra si mesmo, daí fazendo nascer a noção de pecado, que inibe a ação. O ideal ascético nega a alegria da vida e coloca a mortificação como meio para alcançar a outra vida num mundo superior, do além. Assim, as práticas do altruísmo destroem o amor de si, domesticando os instintos e produzindo gerações de fracos.

Nietzsche propõe então a “**transvaloração** dos valores”: ao indagar sobre o “valor dos valores”, descobre que eles não existiram desde sempre: os valores são “humanos, demasiado humanos” e, portanto, foram criados.

Ao criticar o fato de que há mais de dois mil anos os valores se acham fundamentados na metafísica e na religião, Nietzsche conclui que a vida é o único critério de avaliação que se impõe por si mesmo. Para que os atos do ser humano forte não sejam pautados pela mediocridade das virtudes estabelecidas, é preciso recuperar o sentimento de potência, a alegria de viver, a capacidade de invenção. A esse respeito, Scarlett Marton diz:

“Fazer qualquer apreciação passar pelo crivo da vida equivale a perguntar se ela contribui para favorecê-la ou obstruí-la; submeter ideias ou atitudes ao exame **genealógico** é o mesmo que inquirir se são signos de plenitude de vida ou da sua degeneração; avaliar uma avaliação, enfim, significa questionar se é sintoma de vida ascendente ou declinante”.

MARTON, Scarlett. *Nietzsche: a transvaloração dos valores*. 2 ed. São Paulo: Moderna, 2006. p. 52.

Glossário

Dispéptico. Que sofre de dispepsia, “má digestão”; no contexto, no sentido figurado de ressentido, rancoroso, aquele que “não esquece”.

Transvaloração. Para Nietzsche, processo de superação dos valores predominantes e considerados decadentes.

Genealogia. Para Nietzsche, é a investigação crítica que questiona a origem das verdades e dos valores, a fim de denunciar aqueles que estão contra o “querer-viver”. Já vimos esse conceito no capítulo 4, “Conhecimento e verdade”.

Id e ego. Em latim, id é “isto” e ego, “eu”.

Pulsão. Na psicanálise, as pulsões são forças internas que provocam tensões. Elas são de diversas naturezas, entre as quais, as sexuais e as de autoconservação.

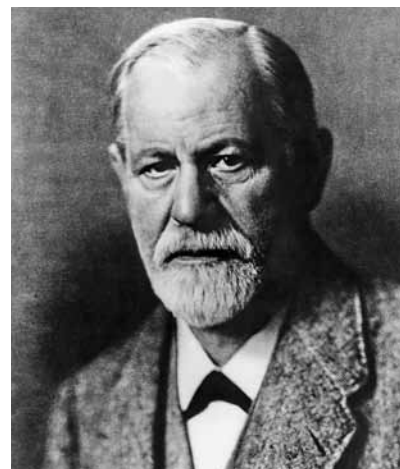
7 Freud: as ilusões da consciência

A desconfiança com que os filósofos do século XIX viam a razão como instrumento pouco eficaz para orientar a vida moral continua valendo ainda hoje. Não mais se diz, com a segurança dos filósofos da modernidade, que agir virtuosamente é agir em conformidade com a razão.

Nesse sentido, foi importante a contribuição da obra de Sigmund Freud (1856-1939), Pai da psicanálise. Ao levantar a hipótese do inconsciente, descobre o mundo oculto da vida das **pulsões**, dos desejos, da energia primária da sexualidade e da agressividade, que se encontram na raiz de todos os comportamentos humanos.

Para explicar o mecanismo do aparelho psíquico, Freud diferencia três instâncias: o **id**, o **ego** e o superego. O id é o reservatório primitivo da energia psíquica e constitui o polo pulsional da personalidade, cujos conteúdos são inconscientes. Já o superego resulta da educação, pela qual são introjetados ideais, exigências e interdições, base de uma consciência moral. O ego, por sua vez, é a instância consciente da personalidade e o mediador entre o id e o superego, diante do contato com a realidade.

Figura 3 • Com a hipótese do inconsciente, Sigmund Freud inaugurou um novo campo de conhecimento e de tratamento psicológico: a psicanálise.



Refleta

Para Freud, o que recordamos de um sonho é o seu conteúdo manifesto, às vezes incoerente e absurdo: mas há um conteúdo latente, subentendido, a ser descoberto pela decifração do seu simbolismo.

No entanto, o ego, pressionado por conflitos entre as forças pulsionais vindas do id e as regras sociais introjetadas pelo superego, nem sempre consegue agir de modo equilibrado. A repressão é a operação psíquica de excluir da consciência algum conteúdo desagradável, um conflito, um afeto indesejável.

Ao explicar os mecanismos da repressão, Freud revela que o neurótico não tem consciência plena dos determinantes da sua ação. Ora, se a moral supõe a autonomia, nada mais distante disso do que o comportamento que resulta da repressão dos impulsos.

A psicanálise apresenta um método para a investigação e uma técnica terapêutica, que visa a trazer à tona o que foi reprimido para o inconsciente. O processo para tornar mais clara a compreensão dos conflitos é feito por meio da associação de ideias e sobretudo pela interpretação dos sonhos.

Não resta dúvida de que o amplo desenvolvimento da psicanálise levou a uma nova concepção de moral cada vez mais orientada na direção do sujeito concreto, com ênfase nos valores da vida e da espontaneidade, o que certamente ajudou na superação de preconceitos e comportamentos hipócritas, bem como na valorização do corpo e das paixões.

8 Sartre e o existencialismo



Figura 4 • Sartre e Simone de Beauvoir, filósofos existencialistas, estavam engajados na política e na discussão da moral do sujeito concreto.

O existencialismo é uma corrente filosófica que exerceu grande influência no período após a Segunda Guerra Mundial e teve como grande expoente o francês Jean-Paul Sartre (1905-1980). Esse filósofo tornou-se conhecido do grande público não especialista principalmente pela atividade de romancista e teatrólogo.

Por exemplo, na peça de teatro *As moscas*, que versa sobre o mito grego de Orestes e Electra, Sartre na verdade faz uma alegoria da ocupação alemã em Paris durante a Segunda Guerra e inaugura, com essa obra, o chamado “teatro de situação”, devido ao envolvimento com a política do seu tempo. Pelo mesmo motivo, exerceu impacto a sua concepção de engajamento, pelo qual a liberdade deixa de ser apenas

imaginária e se compromete na ação.

O envolvimento com a política do seu tempo também se reflete na discussão da moral do sujeito concreto. Assim diz Sartre em *O existencialismo é um humanismo* (São Paulo: Abril Cultural, 1973.): “O conteúdo [da moral] é sempre concreto e por conseguinte imprevisível; há sempre invenção. A única coisa que conta é saber se a invenção que se faz, se faz em nome da liberdade”.

Para compreendermos melhor essa concepção, retomamos, dessa mesma obra, uma frase fundamental do existencialismo sartreano: “A existência precede a essência”. Essa expressão contraria as teorias tradicionais segundo as quais o ser humano possui uma essência, uma natureza humana universal. Para Sartre, diferentemente das coisas e animais, “o homem primeiramente existe, se descobre, surge no mundo; e (...) só depois se define. (...) O homem não é mais que o que ele faz”.

Portanto, a diferença entre o ser humano e as coisas é que só ele é livre, porque nada mais é do que o seu projeto. A palavra “projeto” significa, etimologicamente, “ser lançado adiante”. E o que acontece ao indivíduo quando se percebe aberto à possibilidade de construir ele próprio a sua existência? Descobre que não há modelo para lhe orientar o caminho e que seu futuro se encontra disponível, portanto está irremediavelmente “condenado a ser livre”.

Refleta

Engajamento significa voltar-se para a análise da situação concreta em que se vive, para interferir nos acontecimentos sociais e políticos de seu tempo.

Eis que, ao experimentar a liberdade, e ao sentir-se como um vazio, o indivíduo vive a angústia da escolha. Muitas pessoas, por não suportar essa angústia, fogem dela. Ao recusar a escolha, vivem o conformismo e a “respeitabilidade” da ordem estabelecida e da tradição.

Poderíamos supor que Sartre estaria defendendo o individualismo, cada um preocupado com a própria liberdade e ação. No entanto, ele adverte:

“[...] quando dizemos que o homem é responsável por si próprio, não queremos dizer que o homem é responsável pela sua restrita individualidade, mas que é responsável por todos os homens. [...] Com efeito, não há dos nossos atos um sequer que, ao criar o homem que desejamos ser, não crie ao mesmo tempo uma imagem do homem como julgamos que deve ser. [...] Assim, nossa responsabilidade é muito maior do que poderíamos supor, porque ela envolve toda a humanidade”.

SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. In: Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1973. pp. 12-13.

9 A Escola de Frankfurt

Fundada em 1923, na Alemanha, a Escola de Frankfurt tem como principais pensadores Theodor Adorno, Max Horkheimer, Herbert Marcuse e Walter Benjamin. A filosofia da Escola também é conhecida como teoria crítica, em oposição à teoria tradicional, representada pelos filósofos que, desde Descartes, construíram um conceito de razão que, segundo os frankfurtianos, alojava a origem do irracional.

De fato, acusam essa razão de ter gerado o cientificismo e o mito do progresso. O exercício do que eles chamam de razão instrumental colocou a ciência e a técnica a serviço do capital, o que redundou na dominação da natureza e no desaparecimento do sujeito autônomo, engolido pela uniformização da indústria cultural.

Por isso os frankfurtianos, ao analisarem o “eclipse da razão”, querem recuperar a razão não repressora, capaz de autocritica e a serviço da emancipação humana.

Esses são os filósofos da chamada “primeira geração”. Da “segunda geração”, destaca-se Jürgen Habermas, que veremos a seguir.

9.1 Habermas e a *ética do discurso*

Tal como os frankfurtianos, Habermas critica a razão instrumental, que se rege pela lógica da eficácia, do sucesso, do progresso e “coloniza” a razão vital, o que introduz uma “irracionalidade” no modo de vida contemporâneo.

Ao seguir seu próprio itinerário intelectual, Habermas elabora a teoria da ação comunicativa, suporte para a compreensão da *ética do discurso*. Embora sob a influência de Kant, o conceito de razão em Habermas não se reduz à de razão reflexiva, mas é ampliado para uma concepção de razão comunicativa. Ou seja, enquanto na teoria kantiana o juízo categórico está fundado no sujeito e supõe a razão **monológica**, o sujeito em Habermas é descentrado, porque a razão comunicativa se apoia no diálogo, na interação entre os indivíduos do grupo, mediada pela linguagem, pelo discurso. Portanto, a subjetividade se transforma em intersubjetividade.

Evidentemente, a interação entre os sujeitos precisa se fazer sem as pressões típicas do sistema econômico (que se baseia na força do dinheiro) ou do sistema

Refleta

A racionalidade instrumental nos orienta (e bem!) para saber o que saber e como fazer, mas descuida (e muito!) das relações afetivas, voltadas para o sentido da vida e dos fins últimos da existência humana.

Glossário

Monológico. Relativo ao monólogo.

político (que se funda no exercício do poder). A situação de fala consiste em evitar a coerção e dar condições para todos os participantes do discurso exercerem os atos da fala. Por meio de argumentos racionais, os indivíduos procuram convencer o outro, ou se deixar convencer por eles a respeito da validade da norma.

A ética do discurso tem outros representantes cujas análises nem sempre coincidem entre si, tais como John Rawls, Ernest Tugendhat e Karl-Otto Apel. O que há de comum entre eles é a convicção de que as questões prático-morais podem ser decididas com base em razões, o que descarta o ceticismo ético, uma vez que os juízos morais podem resultar do consenso discursivo.

10 Richard Rorty

Glossário

Contingência. *Tudo o que pode ser de um modo ou de outro. No contexto, as crenças são contingentes, porque podem ser verdadeiras ou não. Contingente é o contrário de necessário (aquilo que tem de ser de um modo e não de outro).*

O filósofo norte-americano Richard Rorty, ao constatar a **contingência** de nossas crenças e de nossos valores, reconheceu a impossibilidade de atingirmos critérios que separem o justo do injusto, o certo do errado, concluindo pela inviabilidade da fundamentação dos valores.

Esse posicionamento, porém, não deve ser entendido como ceticismo paralisante, mas como advertência para que observemos quanto para nós o verdadeiro é aquilo que nos habituaram a aceitar como verdadeiro e como nossas crenças são arraigadas, e não fundamentadas. Portanto, não devemos parar de discuti-las: para ele, o significado dos valores está sempre em aberto, exigindo o diálogo permanente na “grande conversação” capaz de buscar as novas crenças e as novas descrições de um mundo em mutação.

11 Conclusão

Esse esboço sobre as concepções éticas, exposto neste capítulo e no anterior, nos dá uma ideia das variadas tendências dos filósofos ao longo da história. Enquanto uns subjugam as paixões pela razão, outros querem recuperar as forças instintivas comprometidas com a vida. Há os que vinculam a moral à religião, e outros que defendem a moral laica. Uns buscam o princípio absoluto e universal, mas há quem afirme o relativismo de toda moral.

Quaisquer que sejam as concepções éticas assumidas pelos filósofos, elas refletem a tentativa original e criativa dos seres humanos de pautarem seus atos de maneira refletida.

Será possível a universalidade dos valores morais, numa época marcada pela heterogeneidade de comportamentos, por segmentos sociais tão diversos como as mulheres, os homossexuais, os negros, os indígenas, que defendem posições igualitárias na sociedade discriminadora?

Para Comte-Sponville, é possível:

“[...] a moral pode ser ao mesmo tempo relativa (em sua fonte) e universalizável (em seu horizonte). De um ponto de vista prático, é o universal que prevalece, ou deve prevalecer: é isso que está em jogo no combate pelos direitos humanos.”

COMTE-SPONVILLE, André; FERRY, Luc. *Sabedoria dos modernos*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 37.

Exercícios dos conceitos

- 1 Distinga em Kant os conceitos de imperativo categórico e imperativo hipotético.
O imperativo categórico é incondicionado, absoluto, voltado para a realização da ação que tem em vista apenas o dever. Já os imperativos tradicionais são hipotéticos, porque sempre orientados por um fim desejado (a felicidade, o interesse etc.) e, portanto, são condicionados por algo exterior.
- 2 Explique o que Kant entende por autonomia e heteronomia, no campo da moral.
A autonomia é a condição segundo a qual o dever é livremente assumido pelo sujeito capaz de se autodeterminar. A heteronomia, ao contrário, é a fonte de todos os princípios ilegítimos da moralidade, porque nega a autonomia e a dignidade da pessoa, que se deixa guiar por outro.
- 3 Se o século XVIII foi o século da razão, o XIX foi o século da história. Justifique essa afirmação a partir dos caminhos percorridos por Hegel e Marx.
Hegel admite a variação dos valores de acordo com o tempo e a sociedade. Marx conclui que os valores mudam conforme as relações estabelecidas no mundo do trabalho, em função dos conflitos de classe.
- 4 Como Habermas diferencia a razão vital e a razão instrumental?
A razão instrumental nos orienta para o “como fazer”, enquanto a razão vital cuida das relações afetivas, voltadas para o sentido da vida e dos fins últimos da existência. A colonização do “mundo vivido” pelo “mundo sistêmico”, em que domina a razão instrumental, é denunciada por Habermas como prejudicial ao ser humano, por subordinar os valores vitais ao sistema econômico e político.
- 5 Em que as ideias de Hume, no século XVIII, já antecipam posições como a de Richard Rorty?
Para Hume, a única base para as ideias gerais é a crença; também no campo da moral não atingimos verdades absolutas. Para Rorty, o verdadeiro é aquilo que nos habituaram a aceitar como verdadeiro e por isso nossas crenças são arraigadas, contingentes e não fundamentadas. Portanto, não devemos parar de discuti-las.



Retomada dos conceitos

Professor: Consulte o Banco de Questões e incentive os alunos a usar o Simulador de Testes.

Professor: É necessário que os conceitos de autonomia e heteronomia tenham sido bem compreendidos. Eles foram solicitados ao aluno nos exercícios anteriores.

Professor: O aluno pode justificar a sua posição, seja a favor ou contra a separação entre moral e religião, desde que use argumentos.

- 1 Esclarecimento [*Aufklärung*, Ilustração, Iluminismo] é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem. Sapere aude! Tem coragem de fazer uso de teu próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento [*Aufklärung*]"

KANT, Immanuel. Que é o Esclarecimento? In: *Textos seletos*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 63.

A partir dessa citação, responda:

- a) Qual é o sentido de Esclarecimento (ou *Ilustração*)?

Ao defender a razão como guia das atividades humanas, o Iluminismo (ou Esclarecimento, ou Ilustração) recusa a intolerância religiosa e o critério da autoridade. Em Kant, os ideais iluministas se configuram na defesa da autonomia do sujeito.

- b) Autonomia e heteronomia são conceitos fundamentais na ética kantiana: aplique-os na compreensão desse texto.

A heteronomia é indicativo de menoridade, como se o ser humano aceitasse que as normas venham de fora, tal como uma criança, sem ousar se conduzir por si mesmo (autonomia).

- 2 Em 2003, o instituto de pesquisas Pew Research Center constatou que 80% dos brasileiros afirmam ser necessário crer em Deus para ser uma pessoa moral, enquanto apenas 13% dos franceses compartilham a mesma opinião. A partir desse tópico, responda:

- a) Em que medida os franceses foram mais influenciados pelas ideias iluministas?

Porque estabeleceram a separação entre moral e religião: a moral é laica, portanto um indivíduo pode ser moral pelo uso da razão, independentemente das prescrições religiosas.

- b) Aplique o conceito do imperativo categórico kantiano para justificar a posição dos franceses.

A ética kantiana é incondicionada: o imperativo categórico cria uma obrigação fundada apenas na consciência do dever. No caso da pesquisa, a ligação entre crença em Deus e cumprimento da norma moral pressupõe um imperativo hipotético: se quiser ir para o céu, não desagrade a Deus.

- c) Posicione-se pessoalmente a respeito do conteúdo da pesquisa.

Resposta pessoal.

- 3 “Para seus descendentes [dos antigos senhores de escravos], o negro livre, o mulato e o branco pobre são também o que há de mais reles, pela preguiça, pela ignorância, pela criminalidade inatas e inelutáveis. Todos eles são tidos consensualmente como culpados de suas próprias desgraças, explicadas como características da raça e não como resultado da escravidão e da opressão. Essa visão deformada é assimilada também pelos mulatos e até pelos negros que conseguem ascender socialmente, os quais se somam ao contingente branco para discriminar o negro-massa.”

RIBEIRO, Darcy.

A partir da citação do antropólogo Darcy Ribeiro, atenda à questão:

- a) Por que é ideológico o consenso de que os negros são culpados pelas suas próprias desgraças?

Segundo Marx, nas sociedades divididas em classes, com interesses antagônicos, a moral da classe dominante impõe-se à da classe dominada e torna-se instrumento ideológico para manter a dominação. Nesse caso, a ideologia justifica a dominação.

- b) Com que argumentos poderíamos recusar essa explicação?

Em uma sociedade de maioria branca e racista, porque acostumada com a mentalidade escravagista que deprecia o negro, a ideologia inverte a relação de causalidade: parte da ideia de que a sociedade é harmônica e que os negros não agem de acordo com as normas devido à sua raça inferior, quando deveriam partir do fato de que a causa de sua desgraça foi a própria sociedade discriminadora e opressora.

- 4 “Sócrates foi um mal-entendido. (...) A luz do dia mais crua, a racionalidade a todo preço, a vida clara, fria, cautelosa, consciente, sem instinto, oferecendo resistência aos instintos era, ela mesma, apenas uma doença, uma outra doença – e de modo nenhum um caminho de retorno à “virtude”, à “saúde”, à felicidade.”

NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos*. In: *Os Pensadores*, 3.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. p. 330.

Justifique a crítica feita a Sócrates e à tradição ocidental, a partir das posições teóricas de Nietzsche.

Nietzsche orienta-se no sentido de recuperar as forças inconscientes, vitais e instintivas subjugadas pela razão durante séculos. Por isso critica Sócrates, por este ter pela primeira vez encaminhado a reflexão moral em direção ao controle racional das paixões e à desconfiança nos instintos.

- 5 (UEL) Na segunda seção da *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*, Kant nos oferece quatro exemplos de deveres. Em relação ao segundo exemplo, que diz respeito à falsa promessa, Kant afirma que uma “pessoa vê-se forçada pela necessidade a pedir dinheiro emprestado. Sabe muito bem que não poderá pagar, mas vê também que não lhe emprestarão nada se não prometer firmemente pagar em prazo determinado. Sente a tentação de fazer a promessa; mas tem ainda consciência bastante para perguntar a si mesma: Não é proibido e contrário ao dever livrar-se de apuros desta maneira? Admitindo que se decida a fazê-lo, a sua máxima de ação seria: Quando julgo estar em apuros

de dinheiro, vou pedi-lo emprestado e prometo pagá-lo, embora saiba que tal nunca sucederá". Fonte: KANT, I. *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*. Tradução de Paulo Quintela. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p. 130.

De acordo com o texto e os conhecimentos sobre a moral kantiana, considere as afirmativas a seguir:

- I. Para Kant, o princípio de ação da falsa promessa não pode valer como lei universal.
- II. Kant considera a falsa promessa moralmente permissível porque ela será praticada apenas para sair de uma situação momentânea de apuros.
- III. A falsa promessa é moralmente reprovável porque a universalização de sua máxima torna impossível a própria promessa.
- IV. A falsa promessa é moralmente reprovável porque vai de encontro às inclinações sociais do ser humano.

A alternativa que contém todas as afirmativas corretas é:

- a) I e II.
- b) I e III.
- c) II e IV.
- d) I, II e III.
- e) I, II e IV.

6 (UEL)

"De acordo com a ética do Discurso, uma norma só deve pretender validade quando todos os que possam ser **concernidos** por ela cheguem (ou possam chegar), enquanto participantes de um Discurso prático, a um acordo quanto à validade dessa norma."

HABERMAS, J. *Consciência moral e agir comunicativo*. Tradução de Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989. p. 86.

Com base no texto e nos conhecimentos sobre a *Ética do Discurso*, de Habermas, assinale a alternativa correta:

- a) O princípio possibilitador do consenso deve assegurar que somente sejam aceitas como válidas as normas que exprimem um desejo particular.
- b) Nas argumentações morais basta que um indivíduo reflita se poderia dar seu assentimento a uma norma.
- c) Os problemas que devem ser resolvidos em argumentações morais podem ser superados apenas monologicamente.
- d) O princípio que norteia a ética do discurso de Habermas expressa-se, literalmente, nos mesmos termos do imperativo categórico kantiano.
- e) Uma norma só poderá ser considerada correta se todos os envolvidos estiverem de acordo em dar-lhe o seu consentimento.

Glossário

Concernido. Abrangido, afetado, atingido.



7 (UFMG) “Se Deus não existisse, tudo seria permitido.”

Essa frase é um comentário de Sartre a uma passagem do romance *Os irmãos Karamázovi*, de Dostoiévski, e diz respeito ao problema filosófico da relação entre moral e religião. Redija um texto argumentando a favor ou contra a ideia expressa na frase destacada de Sartre.

Na resposta, podem ser aproveitados elementos já discutidos no capítulo 3, “A condição humana” (Módulo I, Descobrindo a filosofia), em que Sartre critica as concepções essencialistas. Em moral, se o ser humano é o que se faz, também é responsável pelos seus atos. Consequentemente, a um ateu nem tudo é permitido, já que será a sua consciência moral que irá avaliar como deve ou não agir.

Desafio: Discutindo o preconceito

Para encerrar o módulo sobre ética, propomos uma discussão sobre dois tipos de preconceito bastante comuns entre nós: o racismo e o machismo.

1 Leia com o seu grupo os textos a seguir:

Texto 1

“Preconceito (pré-conceito) significa conceito (ou opinião) formado antecipadamente, com o desconhecimento dos fatos. Geralmente ocorre porque internalizamos sem discussão muito da nossa herança cultural. O risco do preconceito está na postura dogmática que recusa reexaminar essas convicções. Em decorrência, o preconceito se torna fonte de intolerância e de violência, levando à discriminação quando o diferente é considerado inferior e, por isso mesmo, excluído dos privilégios que os “melhores” desfrutam.”

Texto 2

“Um truque recomendado pelo próprio Hitler é a subdivisão do mundo em ovelhas brancas e ovelhas negras, os bons, a cujo grupo se pertence, e os maus, ou seja, o inimigo criado expressamente para as finalidades da demagogia. Os primeiros estão salvos, os outros condenados, sem transição ou limitação, e sem exame de consciência, como Hitler recomenda numa passagem célebre de *Minha luta*, onde diz que, para alguém se afirmar com eficácia contra um adversário ou um concorrente, é necessário pintá-lo com as tintas mais carregadas.”

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor.

2 Escolha qual tema o grupo discutirá, a fim de criticar eticamente uma das formas de preconceito:

- a) o racismo (contra negros, indígenas, migrantes);
- a) o machismo (contra a mulher e homossexuais).

3 Pesquisar sobre o tema escolhido.

4 Elaborar um texto com as conclusões do grupo.

5 Preparar uma apresentação para a classe a partir das conclusões.

Professor: A ideia da proposta de trabalho é aplicar os conceitos aprendidos neste módulo, examinando os aspectos perversos do preconceito, nas circunstâncias em que não são aceitas as diferenças entre pessoas, grupos, etnias. Destacar a importância do exame dos valores vigentes para distinguir aqueles que servem para a humanização e o encontro entre pessoas e de outros que segregam, recusam a diversidade e promovem a injustiça. Os alunos poderão ser orientados a pesquisar sites confiáveis, sobretudo os de organizações engajadas na luta pelos direitos humanos: www.anistia.org.br (Anistia Internacional); www.unesco.org.br (Unesco); www.dhnet.org.br (Rede de Direitos Humanos e Cultura) etc.

Editora chefe: Maria Beatriz de Campos Elias
Editora executiva: Angélica Pizzutto Pozzani
Edição: Carlos Zanchetta
Assistência editorial: Vivian Lobato Fonseca Ferreira
Preparação: Luiz Carlos Gonçalves de Oliveira
Coordenação de design e projetos visuais: Sandra Botelho de Carvalho Homma
Projeto gráfico: Signorini Produção Gráfica
Coordenação de produção gráfica: André Monteiro, Maria de Lourdes Rodrigues
Coordenação de arte: Aderson Oliveira
Edição de arte: Benedito Reis Minotti, Fabio Ventura, Ricardo Yorio, Roberto Figueirinha
Editoração eletrônica: Sammartes
Ilustrações: Fabio Ventura
Coordenação de revisão: Estevam Vieira Lédo Júnior
Revisão: Carmen Olivieri, Solange Lemos
Coordenação de pesquisa iconográfica: Ana Lucia Soares
Pesquisa iconográfica: Maria Magalhães
 As imagens identificadas com a sigla CID foram fornecidas pelo Centro de Informação e Documentação da Editora Moderna.
Coordenação de bureau: Américo Jesus
Tratamento de imagens: Evaldo de Almeida, Fabio N. Precendo, Rubens M. Rodrigues.
Pré-impressão: Helio P. de Souza Filho, Marcio Hideyuki Kamoto
Coordenação de produção industrial: Wilson Aparecido Troque

FILOSOFIA

Maria Lúcia de Arruda Aranha

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Todos os direitos reservados.

SANTILLANA

Rua Padre Adelino, 758 – Belenzinho
 São Paulo – SP – Brasil – CEP 03303-904
 Vendas e Atendimento: Tel. (11) 2602-5510
 Fax (11) 2790-1501
www.uno-internacional.com
 0800 55 16 11
 2013